

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS**

AMARILDO NUNES DE OLIVEIRA

**A DISCURSIVIDADE NA SEXUALIDADE DA  
MULHER HANSENIANA**

**MANAUS-AM**

**2018**

AMARILDO NUNES DE OLIVEIRA

**A DISCURSIVIDADE NA SEXUALIDADE DA MULHER HANSENIANA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras, Área de Concentração em Estudos da linguagem, Faculdade de Letras, Universidade Federal do Amazonas, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Letras.

Orientador: Profº Drº Leonard Christy Souza da Costa

**MANAUS-AM**

**2018**

### Ficha Catalográfica

Ficha catalográfica elaborada automaticamente de acordo com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

O48d Oliveira, Amarildo Nunes de  
A discursividade na sexualidade da mulher hanseniana / Amarildo  
Nunes de Oliveira. 2018  
87 f.: il.; 31 cm.

Orientador: Leonard Christy Souza da Costa  
Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Federal do  
Amazonas.

1. Hanseníase. 2. Análise do discurso. 3. Sexualidade. 4.  
Foucault. I. Costa, Leonard Christy Souza da II. Universidade  
Federal do Amazonas III. Título

### ATA DE DEFESA PÚBLICA DE DISSERTAÇÃO

MESTRANDO: Amarildo Nunes de Oliveira

Aos vinte e oito dias do mês de agosto de dois mil e dezoito, às 09h00min (nove horas), na Sala de Estudos Nº11 – Bloco Mário Ypiranga/Setor Norte, na Universidade Federal do Amazonas, situada na Av. General Rodrigo Octavio Jordão Ramos, 1200, nesta Capital ocorreu a sessão pública de Defesa de Dissertação de mestrado intitulada “**A DISCURSIVIDADE NA SEXUALIDADE DA MULHER HANSENIANA**” apresentado pelo mestrando **Amarildo Nunes de Oliveira**, que concluiu todos os pré-requisitos exigidos para a obtenção do título de Mestre em Letras, conforme estabelece o regimento interno do Curso. Os trabalhos foram instalados pelo Prof. Dr. Leonard Christy Souza Costa (UFAM), Orientador e Presidente da Banca Examinadora, que foi constituída, ainda, pelo Prof. Dr. Sérgio Augusto Freire de Souza (UFAM) e pela Profa. Dra. Fernanda Dias de Los Rios Mendonça (UFAM). A Banca Examinadora, tendo decidido aceitar a dissertação, passou à arguição pública do mestrando. Encerrados os trabalhos, os examinadores expressaram o seguinte parecer:

- Prof. Dr. Leonard Christy Souza Costa (UFAM)

Parecer:  Aprovado ( ) Reprovado

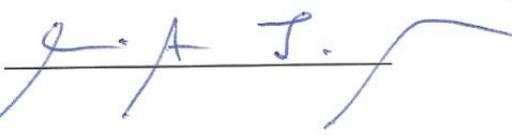
Assinatura:



- Prof. Dr. Sérgio Augusto Freire de Souza (UFAM)

Parecer:  Aprovado ( ) Reprovado

Assinatura:



- Profa. Dra. Fernanda Dias de Los Rios Mendonça (UFAM)

Parecer:  Aprovado ( ) Reprovado

Assinatura:



*“Não me pergunte quem sou e não me diga para permanecer o mesmo: é uma moral de estado civil; ela rege nossos papéis. Que ela nos deixe livres quando se trata de escrever.”<sup>1</sup>*

---

<sup>1</sup> FOUCAULT, Michel. *Arqueologia do saber*. 8ª edição. Rio de Janeiro. Forense Universitária, 2012, p. 21.

## AGRADECIMENTOS

Aos meus pais que tiveram a coragem e a bondade de me adotar, e mesmo desprovidos de qualquer instrução souberam me dá à devida educação para que eu me tornasse a pessoa que sou hoje. Ao meu pai Raimundo de Souza Oliveira e a minha mãe Lourdes Nunes Oliveira meu amor e minha eterna gratidão.

A minha esposa Yaelen Fernandes pelo companheirismo, pelo apoio e compreensão nos momentos difíceis dessa jornada.

Ao meu orientador, Prof. Dr. Leonard Christy Souza Costa por sempre acreditar no trabalho do qual eu tinha em mente. Pela paciência, pela compreensão e por se mostrar sempre disposto a me atender sempre que eu o solicitava. Não poderia ter escolhido profissional e pessoa melhor para me apoiar e orientar.

Ao meu amigo e historiador Licindio Dolzane dos Santos Júnior, responsável pela formatação desse trabalho.

À Universidade Federal do Amazonas (UFAM) pela oportunidade deste trabalho tão importante e valioso para mim.

Ao Programa de Pós Graduação em Letras na pessoa da secretária Angélica, assim como aos coordenadores e professores desse mesmo programa.

Por último, mas não menos importante quero aqui fazer um agradecimento especial ao meu mestre Sebastião Paulo Oliveira Costa que foi a pessoa responsável por me trazer para esse mundo das letras, pois foi lá no Spoc's Institute of Language que eu dei meus primeiros passos rumo à Universidade Federal do Amazonas. O Sabá, como era conhecido por seus amigos, quem me ensinou a falar, ler e escrever em uma língua estrangeira, assim como me levou a entender que há sempre algo a mais para se aprender. Meu sentimento por Sebastião Paulo Oliveira Costa é da mais profunda reverência. Dedico a ele não somente este trabalho, como também o meu mais sincero respeito e a minha eterna gratidão.

## RESUMO

Os estudos relacionados à hanseníase pouco abordam a questão humana do indivíduo, os sentimentos ou sua experiência vivenciada em sua trajetória de exclusão, descrevendo as implicações na sexualidade do portador, assim como as mudanças na atividade sexual após o diagnóstico da doença, o sentimento de inferioridade, o medo da transmissão da doença pelo contato sexual, ou mudanças no cotidiano familiar, portanto este trabalho tem como objetivo analisar as falas de quatro mulheres hansenianas residentes no bairro Colônia Antônio Aleixo, observando a maneira como elas constroem a imagem de si mesmas. No primeiro momento estabeleço a descrição do hospital asilar, como era conhecido na época da internação, Colônia Antônio Aleixo, para que o leitor possa ter uma imagem do locus no qual essas mulheres viveram compulsoriamente desde a mais tenra idade até a velhice. Em seguida discorre sobre os aspectos históricos da hanseníase no mundo, assim como estabeleço sua proliferação em Manaus e seu processo de segregação. Ao longo do desenvolvimento do trabalho, apresento o corpus utilizado para aquisição dos dados, estabelecendo uma faixa-etária das mulheres hansenianas entrevistadas. Tendo como pressuposto que a hanseníase é um fator desencadeante de mudanças na sexualidade de seus portadores, enfatizarei a análise em duas posições de sujeitos ocupada por elas, a saber, casamento e maternidade. Este trabalho tem como teoria condutora a Análise do Discurso de Linha Francesa, assim como o pensamento foucaultiano, objetivando uma análise da subjetividade das mulheres hansenianas no desempenho de sua sexualidade como sujeito pela instituição do casamento e em sua maternidade.

Palavras-chave: Hanseníase. Análise do Discurso. Sexualidade. Foucault.

## ABSTRACT

The studies related to leprosy do not deal with the human issue of the individual, the feelings or their lived experience in their exclusion trajectory, describing the implications in the sexuality of the patient, as well as the changes in the sexual activity after the diagnosis of the disease, the feeling of inferiority, the fear of transmission of the disease through sexual contact, or changes in the daily family life, so this work aims to analyze the speeches of four leprosy women residing in the Colônia Antônio Aleixo neighborhood, observing the way they construct the image of themselves. In the first moment I describe the description of the asylum hospital, as it was known at the time of hospitalization, Antônio Aleixo Colony, so that the reader can have an image of the locus in which these women lived compulsorily from the youngest age until old age. It, then, discusses the historical aspects of leprosy in the world, as well as establishing its proliferation in Manaus and its segregation process. Throughout the development of the work, I present the corpus used to acquire the data, establishing an age range of the interviewed Hansenian women. Assuming that leprosy is a triggering factor for changes in the sexuality of its carriers, I will emphasize the analysis in two positions of the subjects occupied by them, namely, marriage and maternity. This work has as a guiding theory the Analysis of the French Line Discourse, as well as Foucauldian thinking, aiming at an analysis of the subjectivity of the Hansenian women in the performance of their sexuality as subject by the institution of marriage and in their motherhood.

Keywords: Leprosy. Speech analysis. Sexuality. Foucault.

## SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	08
2. ASPECTOS CLÍNICOS E EPIDEMOLÓGICOS DA HANSENIASE	14
3. ASPECTOS HISTÓRICOS DA HANSENIASE NO MUNDO	17
4. A HANSENIASE EM MANAUS	21
5. O PROCESSO DE SEGREGAÇÃO NA COLÔNIA ANTÔNIO ALEIXO	23
5.1 OS ESPAÇOS VIGIADOS	26
6. AS IRMÃS FRANCISCANAS DE MARIA E AS MISSIONÁRIAS DA CONSOLATA	28
7. O CORPUS	30
8. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	32
8.1 O PODER-SABER	32
8.2 A ORDEM DO DISCURSO: UMA RELAÇÃO ENTRE O DISCURSO, OS SABERES E AS REGULACIONES DO PODER	33
8.3 O PODER POLÍTICO	35
8.4 O PANÓPTICO	38
8.5 A ANÁLISE DO DISCURSO	42
8.6 IDEOLOGIA, ACONTECIMENTO, E FORMAÇÃO DISCURSIVA NA AD	43
9. ANÁLISE DOS DADOS	48
9.1 O CASAMENTO	48
9.2 MATERNIDADE	53
9.3 NADA SERÁ COMO ANTES: O CORPO DE HOJE E O CORPO DE OUTRORA	56
10. CONSIDERAÇÕES FINAIS	64
REFERÊNCIAS	68
APÊNDICE	70

## 1. INTRODUÇÃO

O leproso é visto dentro de uma prática de rejeição, do exílio-cerca; deixa-se que se perca lá dentro como numa massa que não tem muita importância diferenciada. (FOUCAULT, 2008, p.164).

Esta dissertação tem como ponto de partida as lembranças de dez senhoras portadoras da hanseníase, que ainda habitam o Bairro Colônia Antônio Aleixo, antes conhecido como Leprosário. Esse estabelecimento, que atendeu e segregou a lepra na capital do nosso Estado, foi criado na década de 1930, durante o governo ditatorial do presidente Getúlio Vargas, que imbuíu o então ministro Tancredo Neves a construção de dezesseis pavilhões que deveriam abrigar os nordestinos trazidos para reativar os seringais da Amazônia. Após a partida dos nordestinos, o local ficou abandonado até ser ocupado novamente, desta vez por portadores de hanseníase. No início da década de 1940, o doutor Menandro Tapajós, numa viagem a Minas Gerais, convidou o médico mineiro Antônio Aleixo para iniciar um trabalho pioneiro num leprosário, que funcionaria nos pavilhões abandonados pelos nordestinos. Assim, o tratamento dos portadores de hanseníase começou com apenas seis pacientes, e por volta de 1942, os doentes que eram tratados no antigo leprosário de Paricatuba foram trazidos, em grande parte pelo ex-foguista Raimundo Mendes para a nova colônia. É importante lembrar que os pacientes que eram internados, em sua maioria, não compartilhavam da mesma classe social, e que parte dessas pessoas chegou ao seu destino contra a sua vontade. Havia na época, mas não se sabe ao certo, rumores que os doentes eram “abduzidos”, ou seja, removidos da sociedade sadia e isolados nos leprosários, mesmo se o uso da força policial fosse necessário. Alguns doentes, após tratamento prolongado, eram liberados, ou seja, recebiam altas, para que pudessem se reintegrar ao convívio social, ou como eles sempre dizem, para recomeçar uma vida “lá fora”. No entanto, esses doentes em geral contavam com poucos recursos e, somado a isso, também não tinham suportado a discriminação e a falta de oportunidade fora da Colônia, e dessa forma, acabavam retornando, como costuma falar um antigo morador desse complexo, em tom de galhofa, ao seu lar doce lar. Esse ninho aconchegante acabou ganhando o nome do seu fundador e patrono, Antônio Aleixo, logo, Colônia Antônio Aleixo.

Duas entre as quatro senhoras aqui apresentadas, fizeram parte de um grupo de mulheres que residiam no pavilhão Uirapuru I, vulgarmente conhecido como “A Casa das Mulheres Solteiras”. A partir de seus relatos pretendo inquirir a maneira como elas constituíram a si mesmas, as técnicas de subjetivação as quais constituem o sujeito. Neste sentido suas falas constituem existências regradas as quais fizeram das normas asilares, não um dever, mas uma condição como forma de sobrevivência. As quatro senhoras contam com a idade entre 50 e 85 anos. A dificuldade da reintegração social é algo que sempre acompanha os doentes, não apenas com relação a sequelas físicas, mas no caso de omitir o passado, principalmente quando vivido no Leprosário. Vale ressaltar que a Colônia Antônio Aleixo hoje é um bairro situado na zona leste de Manaus, sendo assim, os doentes que convivem na comunidade, embora não sejam duramente discriminados, mas ainda são alvos de chacotas e são usados de maneira pejorativa em piadas e anedotas. Daí muitas vezes a necessidade de omitir ou mentir sua passagem pelo calvário da lepra.

A tessitura narrativa que constrói as memórias aqui apresentadas percorre caminhos divergentes, caminhos que serão pontuados de acordo com o pensamento foucaultiano e a Análise do Discurso Francesa.

Antes de qualquer coisa, gostaria de fazer algumas considerações com relação ao pensamento foucaultiano. Falar sobre a obra de Foucault não é tarefa fácil. Ser catalogado, prisioneiro de um lugar e de uma competência, desfrutando da autoridade que proporciona a agregação de fiéis a uma disciplina, circunscrito em uma hierarquia dos saberes e das posições, portanto, usufruir de uma situação estável, era, para Foucault, a personificação da morte. Na contramão dessa possibilidade, pensar é questionar essa ordem, indagar sobre o que tornou possível essa situação, perscrutar os vestígios dos movimentos que a formaram, e como ele mesmo afirmara “o modo como e até onde seria possível pensar diferente” (Foucault, 1984, p.15). Diferentemente de Jean Paul Sartre e Merleau-Ponty que postulavam a filosofia como sendo fundamentalmente o estudo do ser humano, o pós-estruturalismo, por outro lado, caracterizou-se pela negação do ser humano como objeto privilegiado da análise filosófica, tendo como centro de investigação os determinantes sociais, linguísticos e inconscientes do pensamento. O sujeito pensante, ciente de si mesmo, havia sido a base do saber filosófico desde Descartes e seu já estabelecido argumento do cogito. Visto que o cartesianismo, assim como o existencialismo, não podiam mais cumprir o papel de explicar como a linguagem constrói a realidade, os pós-estruturalistas julgaram que a filosofia não deveria mais estar centrada no sujeito. Novas concepções eram necessárias para que a

filosofia tomasse novo fôlego. Entre tantas incipientes propostas, podemos ressaltar Jacques Derrida que desenvolveu seu projeto de desconstrução, que tinha como fio condutor a crítica textual de escritos filosóficos e Michel Foucault que direcionou suas abordagens para a história. Dada a tamanha amplitude que os escritos foucaultianos tomaram, convém estabelecer uma tipologia para que possamos pontuar seus fundamentos em nossa investigação. A maioria de seus teóricos ou comentadores costuma apresentar os trabalhos foucaultianos em três fases, a saber, a fase arqueológica, a fase genealógica e a fase ética, ou em outros termos, o domínio do saber, o domínio do poder e o domínio da ética.

É no domínio do saber, e particularmente na História da Loucura, que a arqueologia dá seu pontapé inicial. Nesse livro Foucault apresenta, assim me parece, sentidos atribuídos à loucura até que ela fosse enclausurada pelo saber médico, e, conseqüentemente, transformada em doença mental pela psiquiatria. Assim como o louco é aprisionado nos grandes asilos e no discurso racional médico, da mesma forma se procederá com o leproso nas suas colônias asilares devidamente normatizada pelo conhecimento da medicina. Foi com Pinel, Esquirol e os demais psiquiatras do século XVIII que a loucura passa a se tornar doença mental e junto com ela nasce um novo dispositivo de segregação, o hospício. Nessa obra, Foucault não somente aborda as concepções de loucura e as práticas de intervenção sobre os loucos, como também analisa a dominação do psiquiatra sobre o doente mental e a produção de conhecimento decorrente desse domínio. Pode-se dizer que, através de uma análise bem minuciosa, ou melhor, de uma microfísica do poder disciplinar, que podemos entrever o tratamento dos loucos desde Pinel a Charcot, para então considerarmos a psiquiatria como teoria e como prática. O termo arqueologia indica que é um procedimento de escavar verticalmente as camadas descontínuas de discursos já pronunciados com o intuito de trazer a tona fragmentos de ideias, conceitos, discursos já esquecidos. De certa maneira, esse procedimento tem uma correspondência com o que se pode chamar de história vista de baixo, isto é, uma perspectiva de descrição que parte de pequenas e insignificantes referências, narrativas obscuras e marginalizadas, não totalizantes, porém fragmentadas. O procedimento arqueológico foucaultiano não se pauta na perspectiva de explicar ou interpretar os discursos, mas entendendo o discurso como um sistema de formação o qual é sempre contingente, e por isso variável. Conseqüentemente, esse pensar diferente foucaultiano, parte da singularidade das técnicas de poder que atravessam as instituições para delimitar a constituição dos sujeitos excluídos, em nosso caso o hanseniano, de nossa “normalidade” e entender como normas específicas foram generalizadas para todo o corpo social. Daí a importância dessas

instituições como uma maneira de avaliar os diversos vínculos existentes entre o campo do poder e o campo do saber. Aqui não somente se faz urgente definir a linha de divisão dos diversos poderes e saberes circunscritos no confinamento hanseniano, mas também como nessa comunidade os efeitos de verdade desse discurso marginalizado têm ao mesmo tempo efeitos de poder.

No segundo momento da fase foucaultiana temos a objetivação com relação a práticas divergentes. Aqui o sujeito é dividido no interior de si mesmo, ou seja, dividido por meio de técnicas disciplinares. Foucault direciona sua atenção para as práticas do poder, para as relações que se estabelecem entre o saber e o poder, analisando os dispositivos do poder nas ditas sociedades disciplinares, as quais desenvolvem instituições como escolas, prisões, igrejas, fábricas entre outras, para o devido controle dos corpos, mas que, no entanto:

Não se trata de cuidar do corpo em massa, grosso modo, como se fosse uma unidade indissociável, mas de trabalhá-lo detalhadamente; de exercer sobre ele uma coerção sem folga, de mantê-lo ao nível mesmo da mecânica, movimentos, gestos, atitude, rapidez: poder infinitesimal sobre o corpo ativo. (FOUCAULT, 2008, p.118).

Assevera Foucault (2008, p.119):

A disciplina fabrica assim corpos submissos e exercitados, corpos “dóceis”. A disciplina aumenta as forças do corpo (em termos econômicos de utilidade) e diminui essas mesmas forças (em termos políticos de obediência). Em uma palavra: ela dissocia o poder do corpo.

Dessa forma nossa abordagem sobre o complexo do Leprosário vem de certa forma, corroborar a análise genealógica do poder, que se pulveriza na sociedade em inúmeros micropoderes, como o já mencionado pavilhão do Uirapuru I.

O campo do saber intitulado por Análise de Discurso reflete um conjunto de pensamentos e reflexões que servem de base para os mais variados construtos e análises. Tomando como cerne teórico-metodológico as problematizações evocadas por Pêcheux o qual postula que o sentido de sujeito não somente consiste em descrever enunciados, mas perceber a posição desse sujeito em seus enunciados. De acordo com Freire (2006), a Análise do discurso é uma disciplina de entremeio, não positivista, que não acumula conhecimentos meramente, pois continuamente discute seus pressupostos. E é exatamente o que pretende

elucidar esse artigo, não ficar preso aos tentáculos da mera acumulação de relatos, mas adentrar em suas constituições, em suas contingências, perscrutar a ordem do discurso que regula as possibilidades de assujeitamento dessas mulheres.

Já Orlandi (1999) nos diz que a Análise do Discurso não trata da língua, não trata da gramática, embora todas essas coisas lhe interessem. Ela trata do discurso. E o que é o discurso? O discurso nada mais é do que a prática da linguagem, a linguagem aqui concebida como a materialidade do trabalho simbólico do discurso. Consequentemente a Análise do Discurso não trabalha com a disposição linear dos elementos da comunicação, muito pelo contrário, o discurso tem sua própria regularidade, pois a língua é condição de possibilidade do discurso. Com relação ao discurso observado como uma ação social, Orlandi (1999) nos diz que:

A palavra discurso, etimologicamente, tem em si a ideia de curso, de percurso, de correr por, de movimento. O discurso é assim palavra em movimento, prática de linguagem: com o estudo do discurso observa-se o homem falando.

E é justamente na fala em pleno movimento, em constante atividade, que os sujeitos passam a ser interpretados; daí se dá a produção de sentidos como parte integrante das práticas sociais dos falantes. Logo, os sentidos não são estáticos, fixos ou presos a uma condição imanente. Muito pelo contrário, os sentidos são camaleônicos, ou seja, as palavras mudam de sentido de acordo com os lugares ocupados pelos interlocutores. O próprio fato da Análise do Discurso, em sua articulação, reunir campos de conhecimento como a enunciação, a ideologia, o discurso, entre outros, e que todos eles são atravessados por uma teoria do sujeito de natureza psicanalítica, em outros termos, nós não somos cômicos de nossas posições enquanto sujeito socialmente constituído. Não nos definimos, somos definidos pelas ordens dos discursos que permeiam nosso cotidiano. Estamos, desde o nosso berço, contingenciados pelos ditames que a sociedade insiste em nos impor inescrupulosamente e não há a mínima fagulha de esperança de nos livrarmos deles.

A Análise do Discurso enquanto acontecimento é referente ao conjunto de regras que compõem condição/acontecimento para que um discurso possa aparecer. No entanto, essas condições não são apenas regras internas ao discurso, mas também condições não discursivas, de modo que para um discurso ser legítimo, quer dizer, autorizado institucionalmente para dizer a verdade se faz necessário seguir padrões estabelecidos. Compreender um discurso

como acontecimento significa entender quais as condições que, digamos alguém precisa aceitar quando enuncia algo em algum momento. De modo que se pode colocar a questão: qual é a singularidade que está em jogo quando se diz algo? Dessa forma, as mulheres hansenianas que foram relegadas a uma posição secundária com relação à tomada de posição frente a discriminação que a sociedade sempre lhes impôs ao longo de uma existência segregada, sua voz, através de uma abertura nessa noção de silenciamento que limita o sujeito no percurso de seus sentidos, através de seu relato, permite essa noção de acontecimento, sob a ótica da irrupção e da descontinuidade, como algo que antes não existia, no caso delas que uma vez que seu discurso sempre foi relegado ao ostracismo, e que ao ser produzido uma vez, esse discurso não é reduzido ao esquecimento, mediante o aparecimento de outros discursos que ativam uma memória socialmente construída. Desta forma, o acontecimento é visto como um evento, como uma greve dos trabalhadores, ou como uma voz representativa de um grupo de mulheres as quais nunca lhes foram concedidas qualquer tipo de abertura para falar sobre suas angústias, sobre o que é ser mulher hanseniana em um contexto onde sempre eram desprivilegiadas, ou ainda, silenciadas.

Sendo assim, esta dissertação está estruturada em forma de ensaio e que se divide em duas partes, a primeira apresenta dois capítulos: o poder e o sujeito. A segunda também apresenta dois capítulos, a análise dos dados e as considerações finais. O capítulo que trata sobre o poder versa sobre o panóptico estruturado no complexo asilar, em particular na Casa das Mulheres Solteiras de acordo com os relatos de duas moradoras remanescentes. O capítulo dois que trata sobre o sujeito versa sobre o casamento, tanto no relato das mulheres quanto nos dos homens hansenianos onde serão analisados os seguintes problemas hipotéticos:

Se a hanseníase é o principal motivo da separação dos casais tanto entre doentes quanto entre homens doentes e mulheres sadias?

Se de fato havia uma repressão coerciva, ou uma interdição na sexualidade das mulheres que habitavam o Pavilhão Uirapuru I?

Essas inquietações as quais quero compartilhar provêm de uma coleta de dados que terá como fio condutor uma análise pautada nos estudos foucaultianos, bem como na ótica da Análise do Discurso Francesa.

Essas são as questões que orientarão nosso percurso em uma perspectiva discurso-foucaultiana.

## 2. ASPECTOS CLÍNICOS E EPIDEMOLÓGICOS DA HANSENIASE

A hanseníase é uma doença infectocontagiosa, de evolução lenta, causada pelo *Mycobacterium leprae*, ou bacilo de Hansen. Trata-se de um parasita intracelular obrigatório (precisa de meio intracelular para se desenvolver), álcool-ácido-resistente, com afinidade por células cutâneas e por células dos nervos periféricos, que se instala no organismo da pessoa infectada (BRASIL, 2002).

Manifesta-se, principalmente, por meio de lesões na pele e nos nervos periféricos, principalmente nos olhos, mãos e pés, conhecidos como sinais e sintomas dermatoneurológicos. Pode ainda provocar fraqueza muscular e paralisia (BRASIL, 2002).

As lesões na pele apresentam-se com diminuição ou ausência de sensibilidade. As mais comuns descritas no “Guia de Controle da Hanseníase” publicado pelo Ministério da Saúde são: manchas pigmentares ou discrômicas (resultantes da ausência, diminuição ou aumento de melanina ou depósito de outros pigmentos ou substâncias na pele), placas, infiltração (aumento da espessura e consistência da pele), tubérculo (pápula que evolui deixando cicatriz) e nódulo (processo patológico na epiderme, com lesão sólida, circunscrita, elevada ou não, de 1 a 3 cm de tamanho) (BRASIL, 2002).

Além de lesões na pele, a doença manifesta-se por lesões nos nervos periféricos, decorrentes de processo inflamatório desses nervos, ao qual se denominam de neurites, podendo ser causados tanto pela ação do bacilo nos nervos como pela reação do organismo ao bacilo ou por ambas. Elas manifestam-se com: dor e espessamento dos nervos periféricos; perda de sensibilidade nas áreas inervadas por esses nervos, principalmente nos olhos, mãos e pés; perda de força nos músculos inervados por esses nervos, principalmente nas pálpebras e nos membros superiores e inferiores. O tempo de multiplicação do bacilo é lento, podendo durar, em média, de 11 a 16 dias. O aparecimento da doença na pessoa infectada pelo bacilo e suas diferentes manifestações clínicas dependem, dentre outros fatores, da relação parasita/hospedeiro e pode ocorrer após um longo período de incubação, de 2 a 7 anos. (BRASIL, 2002).

O homem é reconhecido como única fonte de infecção (reservatório), embora tenham sido identificados animais naturalmente infectados como o tatu, o macaco mangabeí e o chimpanzé. O contágio dá-se por meio de uma pessoa doente, portadora do bacilo de Hansen, não tratada, às pessoas suscetíveis. A principal via de transmissão do bacilo, pelo indivíduo

doente, e a mais provável porta de entrada no organismo passível de ser infectado, são as vias aéreas superiores (trato respiratório). Os bacilos podem ser ainda visualizados nas secreções corporais como suor, leite, esperma e secreção vaginal, porém, essa via de infecção não tem importância epidemiológica, devido a baixa carga bacilar. Os bacilos são viáveis por 36 horas fora do organismo humano em temperatura ambiente, mas o contágio não se dá facilmente. (BRASIL, 2002).

A hanseníase pode atingir pessoas de ambos os sexos, de todas as idades. Porém, no mundo inteiro, a incidência da doença é maior nos homens que nas mulheres. Observa-se ainda que crianças, menores de quinze anos, adoecem mais quando há uma maior endemicidade da doença.

O comprometimento dos nervos periféricos é a característica principal da doença, dando-lhe um grande potencial para provocar incapacidades físicas, as quais podem evoluir para deformidades. Estas incapacidades e deformidades podem acarretar ao indivíduo problemas psicológicos, limitação da vida social, diminuição da capacidade de trabalho, estigma e preconceito contra a doença. Em linhas gerais, é uma doença agravada pelas baixas condições socioeconômicas e pela falta de acessibilidade aos serviços de saúde, pois o diagnóstico é eminentemente clínico e seu tratamento não exige custos elevados nem instrumentos de maior complexidade tecnológica. Por isso mesmo, ratifica-se que a hanseníase é doença curável e, quanto mais precocemente diagnosticada e tratada, mais rapidamente se cura.

No que tange ao portador da doença, deve-se considerar a sexualidade não somente como possibilidade de obtenção de prazer como também um dispositivo que engloba aspectos afetivos, eróticos e amorosos relacionados a construção da identidade das mulheres entrevistadas, por outro lado, a própria doença em si, é um fator que, de uma certa forma, desconstrói a aplicabilidade da sexualidade em sua plenitude, em função de alterações de ordem orgânica e psicológicas que não atinge somente o corpo:

É, meu corpo nem sempre foi assim como o senhor está vendo. Houve um tempo que ele era lisinho, não tô dizendo que era perfeito, acho que nem aquelas modelo de televisão é perfeita né, mas era bonito de se vê né. Mas depois que a doença me pegou, os home já olhava pra mim diferente, num tinha mais aquela coisa de gana, de querer devorar a gente. (Sra.MD)

Como também as relações com as pessoas que fazem parte do seu convívio social, assim como a redução das relações sexuais e a diminuição da libido.

Sim, isso. Teve sim um tempo que logo depois que fiquei doente eu me senti estranha sabe. Parei de querer fazer saliência. Os médico disseram que era normal, mas que eu tinha que insistir pois num ficava bem eu não procurar mais o marido. Mas juro que não sabia que tava acontecendo, só sei que minha vontade de fazer saliência já não era mais a merma. Sei lá, parecia que num sentina mais nada. Meu esposo também reclamava que eu fazia pouco e dizia que ia procurar mulher na rua. Veja só o senhor! A gente passa por cada coisa nessa vida. (Sra,D).

Ao iniciar o tratamento quimioterápico, o portador do bacilo deixa de ser transmissor da doença, visto que as primeiras doses da medicação matam os bacilos, tornando-o incapaz de infectar outras pessoas (BRASIL, 2002).

### 3. ASPECTOS HISTÓRICOS DA HANSENÍASE NO MUNDO.

A hanseníase é amplamente conhecida como lepra, esse termo é de origem grega e significa descamação, esfoliação, casca (de árvore). A palavra “lepra” foi utilizada para definir basicamente todas as dermatoses descamativas, inclusive a hanseníase, ela é uma das mais antigas doenças que acomete o ser humano. Garmus (1983), em seu estudo sobre a Bíblia, asseverou que a lepra, descrita no Antigo Testamento, tratava-se de manchas dermatológicas de outra etiologia, uma vez que eram descritas como “simples infecções da pele, ou até manchas na roupa ou em edifícios. A doença já era conhecida e descrita há mais de quatro mil anos nos países da China e da Índia. Uma das referências mais antigas é encontrada no Levítico, um dos livros do Antigo Testamento. Nesse livro é dito que: “O leproso atacado andarà com as vestes rasgadas, os cabelos soltos e a barba coberta, rangendo os dentes aos gritos de “impuro!” Durante todo o tempo que estiver contaminado pela lepra, será impuro. Habitará a sós e terá sua morada fora do acampamento.” A hanseníase, dessa forma, foi incutida de maneira profunda no imaginário Ocidental como um castigo de Deus. Logo, o culpado pela doença era o próprio doente. Outra referência, de acordo com o código de ética medida (1989), aponta a África como o berço dessa doença. Ainda hoje se discute se a hanseníase é oriunda da África ou da Ásia. Na Índia, ela já é conhecida há mais de três mil anos, o mesmo pode-se falar da sua presença na China e no Japão. Com relação ao Egito, os primeiros casos de hanseníase datam de quatro mil e trezentos anos A.C. Acredita-se que um papiro da época do faraó egípcio Ramsés II (1279 a.C. a 1213 a.C.) já descrevesse o Mal de Hansen. A época em que a hanseníase chegou à Europa data de 326 A.C., que de acordo com Cunha (2002), ela teria aportado no Mediterrâneo trazida por soldados do Imperador macedônico Alexandre Magno, que voltavam das campanhas na Índia. É também por essa época que surge a concepção que os hansenianos são uma ameaça pública e que, portanto, deveriam ser isolados da população sadia. Essa visão foi formalizada no Concílio de Lyon, no ano de 583, e marca uma tomada de posição decisiva da Igreja Católica em relação ao Mal de Hansen. Na visão medievalista as principais causas da disseminação da doença eram o contágio, a hereditariedade, o clima e a alimentação inadequada, logo, a hanseníase teria se tornado endêmica devido a esse conjunto de fatores os quais tinham origem no rápido crescimento e sua concentração no confinado espaço das cidades medievais favorecendo, dessa forma, o aparecimento de muitas doenças, entre elas a hanseníase. Não se sabe ao certo como eram as condições sanitárias da Idade Média, porém, de acordo com D’Haucourt

(1994), a expectativa de vida situava-se em torno de trinta a quarenta anos e a mortalidade infantil era bastante alta. D’Haucourt (1994) também assevera que as doenças da Idade Média, em sua maioria, não eram tão diferentes das nossas, mas a lepra e a varíola, que apareceram no tempo das Cruzadas, se tornaram, naquela época, doenças de extrema virulência.

É praticamente impossível não mencionar a grande segregação europeia quando vem à luz o tema sobre a hanseníase. Ao iniciar a Idade Média, até o final das Cruzadas, o que se abate sobre a Europa é a lepra.

Banidos das cidades, os leprosos encontram-se envolvidos por um círculo sagrado. Personagens sacros e temidos, eles expressam a cólera e a bondade de Deus. A lepra, que é sofrimento, purifica e castiga o pecador. A segregação ritual do leproso abre-lhe as portas da salvação. Isto é, sua exclusão compreende outra forma de comunhão. (Frayse Pereira, 1984, pág.50).

Com o final das Cruzadas a lepra também conhece o seu fim. Com a segregação dos leprosos no interior dos grandes leprosários, evitou-se o contágio. O desaparecimento das Cruzadas também favoreceu a erradicação da lepra, já que a partir de então há um rompimento de contato com o Oriente eliminando os focos de contaminação. Acredita-se que as descobertas e a colonização, por volta de 1492, trouxeram a doença para as Américas, onde foi introduzida pelos imigrantes europeus. Conforme dados do Serviço Nacional de Lepra, do Conselho Federal de Medicina (1989), foram os franceses, fundadores do Estado da Louisiana quem introduziram a doença nos Estados Unidos. Por muito tempo acreditou-se que o maior fator de expansão da hanseníase nas Américas tivesse sido o tráfico de escravos, ou seja, teriam sido os negros os responsáveis pela entrada da doença na América do Norte pela Flórida.

Tudo indica que, na América do Sul, a doença tenha sido introduzida pelos colonizadores espanhóis e portugueses, pois os primeiros doentes de hanseníase observados na Colômbia eram de origem espanhola. Assim, conforme o código de ética médica (1989), a América Latina tornou-se gradativamente uma nova área endêmica mundial.

No Brasil, a inserção da hanseníase aconteceu a partir do desembarque dos portugueses (1500) e espanhóis (1580-1640) para o sudeste da colônia; pelos holandeses (1624-1654) no norte do Brasil; e pelos franceses em 1757 novamente no sudeste. Todos esses conquistadores eram oriundos de países que já tinham a doença instalada e que,

portanto, já dispunham de alguma informação sobre ela. Os primeiros casos da doença foram notificados no ano de 1600, na cidade do Rio de Janeiro (ANDRADE, 1996).

Acredita-se que, nos fins do século XVII, a hanseníase foi introduzida no Brasil por vários pontos correspondentes às cidades mais importantes, política ou economicamente, à época. Neste período, focos da doença foram identificados na Bahia e Pará (BRASIL, 1989). Em São Paulo desconhece-se a doença antes do século XVIII. Atribui-se esse fato às características da província naquela época, considerada um local de difícil acesso e relativamente isolado do litoral pela Serra do Mar. São Paulo desenvolveu-se no planalto, situação que só se alterou com a atividade aurífera, quando o fluxo de pessoas contribuiu para a alteração das condições sanitárias.

Em fins do século XVIII, o aumento do número de doentes em vários pontos do país levou as autoridades da colônia a pedirem providências a Portugal contra o grande perigo representado pela doença (MONTEIRO, 1987). O desenvolvimento agrícola, industrial e a mineração (marcha da colonização) teria determinado maior concentração e fixação da população, criando circunstâncias propícias à disseminação da endemia pelo país desde o período colonial, a partir dos casos de Recife, Bahia e Rio de Janeiro, essas cidades que apresentaram muitos casos endêmicos em comum, se transformaram nas principais portas de entrada de europeus. Neste período, Pernambuco era o mais importante centro açucareiro do mundo; a Bahia, capital da Colônia; e o Rio de Janeiro progredia, tanto que se tornou, posteriormente, a sede do Governo.

De Pernambuco, a doença teria se estendido à Paraíba e Alagoas, devido ao desenvolvimento agrícola dessas regiões; e ao Ceará, Maranhão, Pará e Amazonas pela ocupação dessas províncias. O contágio seria favorecido pela promiscuidade entre doentes e sadios e pela precariedade da higiene na época. (MONTEIRO, 1987).

Em 1804, a província do Pará já era foco de lepra de caráter alarmante. Em 1822, a cidade de Santarém (PA) também era foco de inúmeros leprosos que se deslocavam para o Asilo de Tocunduba em Belém. Segundo Souza-Araújo (1933), o Amazonas deve ter recebido a hanseníase do Pará, dada a intensa relação comercial entre as cidades de Belém, Santarém e Manaus. O mesmo autor afirma que: “os nordestinos que iam à Amazônia voltavam, frequentemente, leprosos” (SOUZA-ARAÚJO, 1933). De modo geral, tudo leva a crer que os indígenas, primitivos habitantes do país, não eram acometidos de lepra e desconheciam a moléstia. De acordo com Maurano (1950), a inexistência de um vocábulo na língua que se refira à lepra foi um dos argumentos mais poderosos a favor dessa afirmação. Os indígenas

não tinham, em seus idiomas, nenhuma palavra referente à lepra, ao contrário de todos os povos atingidos por essa moléstia.

O Relatório apresentado em 8 de julho de 1854 ao 2º Presidente da Província do Amazonas, Conselheiro Herculano Ferreira Penna, afirmava que a lepra já existia no Amazonas sob todas as variedades: lepra vulgar, lepra branca e lepra preta, indicando como foco o Rio Purus e casos isolados entre os habitantes de Tefé, Fonte Boa, Tonantins, São Paulo de Olivença, Amaturá e Tabatinga (SOUZA-ARAÚJO, 1933). Podemos observar que os habitantes do Solimões já se encontravam vítimas da hanseníase, sendo a situação agravada pela intensa migração de nordestinos em busca da exploração do látex da seringueira, que na época ficou muito conhecida como “o ouro branco” da Amazônia. A distribuição geográfica da hanseníase no Brasil em épocas passadas não difere do observado em épocas mais recentes, sobretudo, na alta endemicidade da região Norte. Segundo os dados do Conselho Federal de Medicina (1989), as medidas adotadas para enfrentar o problema da hanseníase no Brasil foram similares àquelas adotadas no resto do mundo, com o isolamento dos doentes, que se mostrou incapaz de controlar a doença e contribuiu para aumentar o estigma e o medo a ela associados.

Por volta de 1869, Gerhard Henrik Amauer Hansen já tinha identificado a presença de grandes elementos castanhos“ nos granulomas lepromatosos, mas somente em 1873 ocorreu a sua consolidação como doença infectocontagiosa. “O agente causador da doença passou a ser reconhecido cientificamente pelo nome de Bacilo de Hansen e, posteriormente, foi classificado como *Micobacterium leprae*. Hansen foi um dos precursores da microbiologia e com a sua descoberta, um agente etiológico foi pela primeira vez responsabilizado por uma doença infecciosa e crônica, de modo que, essa descoberta foi fundamental para combater também a teoria da hereditariedade, presente no discurso da época para explicar a gênese da doença, de acordo com o Conselho Federal de Medicina (1989)

Em 1991, a OMS definiu que a hanseníase deixaria de ser um problema de saúde pública no Brasil, onde o coeficiente de prevalência chegaria a um valor menor ou igual a 1 caso para cada 10 mil habitantes. Porém, pouco se avançou neste propósito e todos os países sul-americanos têm casos de hanseníase, sendo o Brasil o que apresenta as mais altas incidências e prevalências desta doença neste continente (BRASIL, 1989).

#### 4. A HANSENÍASE EM MANAUS

A hanseníase chegou a Manaus subindo, na contra corrente dos 1.650 quilômetros de rio Amazonas que a separam de Belém. Ali, na capital do Pará, desde o início do século XIX, havia um grande foco da doença. A expansão da doença acompanhava os deslocamentos humanos, principalmente entre as cidades de Belém, Manaus e Santarém, o eixo comercial mais importante da Região Norte. (PENINI, 1998).

Os doentes identificados no Amazonas foram tratados com a velha receita que era maciçamente praticada em todo território brasileiro: isolamento, restrições aos seus deslocamentos e com o preconceito aberto das pessoas não portadoras da doença que os marginalizavam, evitando qualquer contato e exigiam medidas enérgicas das autoridades para tirá-las de circulação. A política sanitária de segregação contribuiu muito para o aumento da discriminação da sociedade e da família contra o doente, nos quais muitas atitudes discriminatórias como o medo de frequentar lugares públicos e privados nos quais eles circulavam, e particularmente, de adquirir deformidades pelo contato com os mesmos, resultou na violação dos direitos humanos, contribuindo para a cristalização do preconceito na sociedade e na família, reforçando, dessa forma, o auto preconceito dos doentes. De acordo com Penini (1998), hansenianos recolhidos das ruas eram levados para palhoças construídas no Umirisal, localidade ao norte de Manaus, na margem esquerda do Rio Negro. Foram nessas instalações precárias onde decidiram abrigar não somente os hansenianos como também as pessoas acometidas de varíola. Souza Ribeiro (2011), nos conta que por falta de recursos governamentais a colônia em Umirisal foi desativada e a Sociedade de Assistência aos Lázaros e Defesa Contra a Leprosia, comprometeu-se a ficar responsável por essa colônia, no entanto, os moradores adjacentes a essa instituição inquietaram-se com a presença dos doentes alegando que eles infectariam as águas do Rio Negro e com isso trariam a doença para toda a população. Para que esse hipotético perigo fosse evitado, a entidade beneficente de assistência aos Lázaros e aos Leprosos decidiu transferir os infectados para outra área, localizada nas proximidades de um lago e a 23 quilômetros da cidade. No local havia 16 pavilhões de madeira construídos durante o governo de Getúlio Vargas para receber migrantes nordestinos que ali se instalariam à espera de serem enviados para os seringais no interior do Estado. O ano de inauguração, já anteriormente mencionado (1942), da Colônia Antônio Aleixo, era vista como uma ação de ordem sanitária, um marco moderno e humanitário, no entanto, as experiências de quem por lá passou mostram que o tratamento pouco tinha de

humanitário. Talhari (1981) assegura que no ano em que a Colônia Antônio Aleixo foi criada, a prática de segregar os doentes de hanseníase já não era mais utilizada em países europeus. Ainda de acordo com Talhari (2013), um ano depois da fundação dessa instituição, o médico americano Guy Henry Faget apresentou em uma revista científica sua descoberta sobre a efetividade do uso do promim, uma sulfona, para a cura da hanseníase. Mesmo assim, a Colônia funcionaria isolando seus internos até janeiro de 1979 quando foi desativada.

## 5. O PROCESSO DE SEGREGAÇÃO NA COLÔNIA ANTÔNIO ALEIXO

De acordo com Ribeiro (2011), em 1922 o médico Samuel Uchôa, chefe do serviço de profilaxia rural do estado do Amazonas, identificou a procedência dos doentes de lepra a partir dos focos encontrados em Manaus, Manacapuru, Fonte Boa, Tefé, Manicoré, Coari, entre outros. E a partir desses focos identificados, o médico Samuel Uchôa sugeriu a criação de um leprosário modelo em Manaus que também seria utilizado para atender doentes oriundos de outras localidades e estados. Esse leprosário modelo receberia o nome de Paredão do Rio Negro, o qual não chegou a ser inaugurado pois foram identificados irregularidades na estrutura física do prédio. Em 1930, na localidade conhecida como Paricatuba, às margens do Rio Negro, foi criado um novo leprosário chamado Belizário Renna. Foi a partir da construção desse leprosário que se percebeu que o que permeava essas construções não se centrava obrigatoriamente no doente, aliás, tornava-se evidente que o objetivo primordial centrava-se na população sadia, já que se pensava que essa grande parte da sociedade seria beneficiada com qualquer tipo de exclusão dos leprosos, e com isso diminuiria a possibilidade de contágio com essa população. Houve na época muita resistência por parte de algumas famílias em entregar seus doentes, no entanto, conforme alguns relatos de determinados doentes, nem toda a família se opunha a essa entrega, muito pelo contrário, eles até ajudaram nesse processo de segregação. A Casa Amarela, que na época situava-se no bairro da Cachoeirinha, segundo os relatos de alguns doentes, era a instituição que tinha a incumbência de localizar e recolher os leprosos em Manaus. O relato da senhora MJ a seguir mostra como era feito o recolhimento dos hansenianos pelos agentes sanitários:

Eu nasci em Coari e morava com a minha família, meu pai minha mãe e minha irmã mais nova. Tinha 9 anos de idade quando começaram aparecer manchas no meu corpo e o diabo era que quando eu pegava nas manchas elas não doíam. Uma vez na escola um muleque que eu tinha contratado pra brincar de escapole-bate-fica, tava com as unhas grandes e sujas quando foi bater na minha pra ficar com o pedaço de pé-de-moleque que eu ia começar a comer, eu me desviei do demônio e acabou que a mão dele foi parar atrás do meu pescoço bem em cima da maldita macha. Foi uma zunhada, mas ele percebeu que não fiz cara-feia e viu a mancha e aí ele perguntou se eu tinha sentido alguma coisa e como a resposta foi não ele começou a comentar na escola o caso né. Quando cheguei em casa já tava lá o pessoal da saúde querendo me ver. Meus pais não gostaram do jeito que eles falaram comigo, me levando logo pro quarto como se eles fossem de casa. Depois me fizeram tirar a roupa pra mode de ver as manchas. Fiquei envergonhada, mas fazer o que né, eles eram autoridade né. Depois de algumas semanas dentro do meu quarto trancada, recebendo comida por um buraco que fizeram na porta, que nem a gente faz com os cachorros, queimarem minha roupa e falarem com meus pais, me colocaram num batelão vestida que nem uma mendiga com um monte de gente que tinha as mesmas manchas que nem eu e

foi a última vez que vi meus pais (choro). Daí cheguei na Colônia sem eira nem beira e só Deus sabe o pão que o Diabo amassou que tive que comer.

Podemos notar que as autoridades faziam pouco caso das relações de afetividade que essas famílias nutriam, pois não tinham o menor escrúpulo em dissolvê-las. Os laços de família eram constantemente desatados e os seus direitos eram moralmente abduzidos. O que causava preocupação nas autoridades era de fato a transmissão da doença, ou melhor, as formas de transmissão, que pela falta de conhecimento do processo transmissório da doença se tornara um dos fatores que agravava a relação dos hansenianos com a sociedade em geral como mostra relato da senhora J:

Nunca me dei conta que essa doença era a lepra, mas eu sabia que as manchas no meu corpo num eram normal. Na rua as outras garotas sempre me deixavam de fora das brincadeiras e as vizinhas me colocavam de lado quando o grupo de meninas iam apresentar uma dança pela Igreja. Só o padre era legal comigo e sempre que ele estava por perto fazia de tudo pra eu participar das atividades dominicanas.

A História nos mostra que o confinamento muitas das vezes é a forma mais prática adotada ao que achamos estranho, diferente; ao que não consideramos “normal”, isso aconteceu com os escravos na senzala, com o banimento dos loucos na Europa e com os judeus que foram isolados em grandes guetos segregatórios para depois serem extirpados no Holocausto. A segregação não somente rompe o elo social entre essas pessoas confinadas com o resto da sociedade, como também promove o fortalecimento da intolerância, criando mecanismos para que o próprio indivíduo não se veja mais como um cidadão comum, e a sociedade no seu todo não o aceite como tal. A senhora K relata um momento de sua vida que ilustra bem esse afastamento social entre os doentes e as demais pessoas de uma comunidade, assim como esse rompimento de humanidade consigo mesmo:

Sim, namorei muito em Belém, morava na capital mesmo. O senhor já foi a Belém? Não. Deveria ir. É um lugar lindo. Sim namorei muito lá e para a sua próxima pergunta, sim perdi a virgindade lá também. Graças a Deus, pois odiaria ter perdido com um leproso qualquer. O senhor deve estar estranhando me ouvir falar assim. Eu sei. Mas imagine o senhor, eu vivia bem em Belém, tinha tudo que me fazia feliz, tinha amigas, me dava bem com as pessoas, e as pessoas gostavam de mim e de repente perder tudo isso, perder minha beleza na flor da idade por uma doença maldita que nem essa. Assim, eu creio que é a mesma coisa que ficar cego a partir dos 20 anos de idade, ou sofrer um acidente qualquer e perder uma perna, ou um braço. Não senhor, não há coisa pior que se tornar um leproso, pois além de lhe comer o corpo, de uma certa forma, a gente perde a identidade. Quando completei

vinte e poucos anos, não conseguia me olhar no espelho; não conseguia aceitar que uma outra garota da minha mesma idade tivesse um destino muito melhor que o meu...não, odiei ter me tornado hanseniana...(leprosa...(risos e choro)...era o que eu desejei falar). Espero que o senhor não me julgue. O senhor me entende não é mesmo...eu sei que sim...aqui quando se é leproso se julga ser especial, ter direitos sobre os sadios...que besteira...eu desejaria ser a mais infeliz de todas as mulheres contanto que fosse sadia. Alguns de nós ver no fato de ser assim uma dádiva divina, um tipo de ser especial que um dia será redimido pela providência pelos anos de suplício condenado a esse corpo, pois eu lhe digo senhor, tudo isso é uma grande soberba inútil, nada irá compensar os anos de sofrimento de humilhação, de falta de humanidade a qual nos foi imposta durante essa nossa existência. Essa gente toda aceita essa grande chaga com uma certa resignação que sinceramente me faz sentir náusea.

A segregação provoca esse estado, de acordo com o relato acima, de não aceitação de sua condição como doente, esfacelando sua própria identidade, criando uma auto intolerância consigo mesmo e com os seus “semelhantes” e a partir daí ofuscando a visão de humanidade tanto de si como do outro.

Banidos do aconchego dos seus lares, esquecidos por seus familiares, largados a ermo nas estradas e nos matos para viverem como bichos acuados, perseguidos pelos capitães do mato de fundações do Estado (Oswaldo Cruz, Casa Amarela) que deveriam acolhê-los e não segregá-los, essas atitudes passaram a fazer parte de sua história, como uma mancha impregnada em suas peles. Esse banimento da sociedade, colocando-os em uma posição marginalizada, mostra que o Estado não tinha o propósito de curar as vítimas da hanseníase, mas sim de isolá-los a fim de manter distante a doença daqueles que ainda não a tinham contraído.

Em 1958, precisamente em Tóquio, ocorreu o 7º Congresso Internacional da Lepra, onde se pôs fim a prática de segregação do doente de hanseníase, já que essa prática não se constituía em um método eficaz no controle da doença, uma vez que os próprios doentes desejavam estar com suas famílias e eram capazes de tudo para se livrarem da segregação, e com isso, esse método segregatório foi considerado prescrito. Aos poucos essa atitude foi adotada no Brasil. Em 1978, o então governador do Amazonas Enoque da Silva Reis, baseado no decreto 165 do ministério da saúde, determinou à Secretaria de Saúde medidas necessárias para a desativação do Hospital Colônia Antônio Aleixo. No entanto, tal programa de desativação só veio a ser iniciado em 1979, embora as visitas domiciliares deram início um ano antes.

## 5.1 OS ESPAÇOS VIGIADOS

Para Foucault (1986): “O poder não é um lugar que se ocupa, nem um objeto que se possui. Ele se exerce, se disputa e nessa disputa ou se ganha ou se perde”. No espaço interno da Colônia, instituíram-se leis e regulamentos para o controle e punição das infrações. O objetivo era a estruturação do espaço de modo a facilitar o exercício do poder e do controle.

Até onde a gente sabe a Colônia na nossa época tinha muita gente que comandava, tinha uma delegacia e até mesmo gente que cuidava das ruas. Depois que chegava aqui, a gente ia no outro dia pra ficharem a gente porque a gente ainda tinha que ir pro médico, no dia do médico, prá ele fazer a ficha de internamento geral, como eles falavam né, internamento ou isolamento . Na época, quando a gente se internava aqui, a gente vinha acho que pra ir pra cidade dos pés junto né. Num tinha muita saída não, num tem? Parecia que a gente já tava com a sentença certa. E assim a gente doente como eu vivia por aqui. (Sra.MD)

A separação entre os sexos assume grande importância, assim como o controle do namoro pelo serviço da guarda, porque se entendia que o controle dos doentes e da sua reprodução favorecia à extinção da doença.

É, tinha de tudo aqui. Tinha sim essa coisa da separação, nu tem? Era pavilhão pra home, pavilhão pra mulher, pra moça solteira e por aí a coisa andava. As crianças me parece que num tinha pavilhão porque arranjava logo uma família pra ficar. Vichi, como tinha gente pra querer criança, já que as delas mandavam embora. E sim tinha criança que chegava aqui doente. Como disse tinha de tudo aqui. (DC)

Ribeiro (2001) afirma que as mulheres não podiam frequentar o pavilhão dos homens e vice-versa, pois os guardas vigiavam os pavilhões. Para namorar, o casal era vigiado pelos guardas que ficavam na praça e não podiam tocar-se, sendo repreendidos por um apito quando isso acontecia. O namoro só era permitido até 19 horas.

Tinha gente que reclamava, mas num tinha jeito, as normas era cumprida. Os homens pra uma banda, as mulher pra outra. Além da doença a gente ainda tinha que atura uma coisa dessa. Até na hora de comer, a gente era separado que nem trigo do joio (risos). As ordens eram muito duras. Tinha muita gente que gostava de se embriagar, mulher com certeza, mas aí pra mulher dizia logo que era feio. Os homens podia, dizia que home cai aqui e levanta ali, e tá tudo bem, mas mulhe cai e não levanta (risos). Mas é certo né, é feio mesmo mulher bebida vadiando pelas rua. (Sra.MA)

Quanto às saídas externas dos moradores, elas aconteciam de forma restrita sob autorização da prefeitura ou das irmãs franciscanas (época em que assumiram o controle de várias atividades na Colônia). As saídas tinham como destino o centro da cidade, onde raras vezes os moradores da Colônia podiam comprar roupas, alimentos ou outros utensílios para casa. No começo somente os moradores sem sequelas e em boas condições de saúde recebiam autorização para esta saída. Mais tarde, devido um período de corte nas verbas federais, os hansenianos passaram a ir ao centro com outro objetivo, para mendigarem.

Homem, tem gente que não tem jeito! Olha, teve uma época que alguns doentes se atreveram a ir sem permissão pro centro só pra mendigar. Eu ia algumas vezes, mas também porque estava já cansada daquele vida vigiada e sempre tendo de fazer isso ou aquilo. Queria mais liberdade, liberdade pra conversar, pra namorar quem eu quisesse. Quando não deva certo, a gente ia pro lago do Aleixo. Muita gente que era expulsa da Colônia ia pra lá. (Sra.ML)

A gente era proibida de sair antes e depois das irmãs. O que a gente fazia as pessoas que mandavam aqui sabia. Teve um período até bom que a gente tinha liberdade para ir ao centro da cidade comprar as coisas que a gente precisava. A gente saía, ia fazer compra na cidade. Ônibus era muito difícil por aqui, o senhor sabe, não era bairro, era hospital. Tinha um senhor aqui que me levava, mas ele tinha medo pois nós mulher saía menos que os homens. Dizia as irmãs que era pra gente não se perder. Mas a gente tinha sempre que dá um jeito né, e aí a gente saía mermo. Depois que alguns saía, o senhor já sabe a missa né, uns nunca mais voltavam, mas às vezes o pessoal que caçava a gente, achava a gente e lá vinha nós de volta. Eu saí umas vezes, mas voltei, depois ir pra onde né. Eu num tinha mais família, não tinha ninguém lá fora e acabava que voltava. Acho que aqui era ruim às vezes, mas lá fora era pior, é que lá fora a gente de lá não via a gente como gente sabe, pelo menos não como gente que nem eles. (Sra.MJ)

A única forma de contato permitida entre os doentes e os parentes de acordo com Ribeiro (2011), era por intermédio das visitas controladas pelos funcionários e guardas da Colônia que aconteciam no Parlatório. O Parlatório era o símbolo maior da separação entre os doentes e suas famílias, mas também era uma forma de impedir que as famílias tomassem conhecimento do que acontecia na parte interna da Colônia. Assim mantinha-se uma visão de que tudo corria bem com os doentes. Todas as visitas eram vigiadas e a coordenação geral tinha o poder de mandar prender todo aquele que não respeitasse a lei.

A gente recebia visita de vez em quando, assim se a agente tivesse parente né. Mas a visita num era coisa muito fácil não. Naquele tempo a medo da doença era muito grande e é claro a irmã não queria muito contato entre a gente e as pessoa de lá de fora. A gente conversava, na entrada daqui, perto do portão e daí a visita ia embora. A gente não tinha nem oportunidade de pegar na mão, porque o guarda não deixava. Essas visitas aconteciam dois dias da semana e só. (Sra.M)

## 6. AS IRMÃS FRANCISCANAS DE MARIA E AS MISSIONÁRIAS DA CONSOLATA.

As Irmãs Franciscanas de Maria assumiram a administração da Colônia, de 1966 a 1979 (Tavares, 2011) quando esta foi desativada, fato que mudou radicalmente a relação com os doentes, segundo relato de pessoas que vivenciaram a mudança. As Irmãs organizaram os internos em setores de trabalho e passaram a administrar a medicação com regularidade, o que não acontecia anteriormente, segundo depoimento de um ex-interno. Foi construída uma escola para a alfabetização de adultos e posteriormente para o ensino das crianças. Segundo relato da senhora K, na gestão das irmãs houve uma organização do trabalho, sendo os internos distribuídos em atividades de sapataria, padaria, olaria, e agricultura. Além de pavilhões e casas, havia centro social, clube de senhoras, quadra de esportes, poços e rede de água, moradia dos trabalhadores e irmãs, e delegacia. A senhora MC nos relata que:

Antes da chegada das Irmãs Franciscanas de Maria a Colônia, que era um hospital, era dirigida por diretores indicados pelo Governo, como o Dr. Osmar Matos que veio de Minas Geras e depois o Dr. João de Paula Gonçalves, mas eles pouco benefícios fizeram aqui na Colônia. Só quando as freiras aqui chegaram é que se instalou a ordem. Ainda me lembro bem delas, a irmã Ruth, a Irmã Fernanda Pia que era diretora, a irmã Ângela e outras que não me lembro o nome agora. Elas fizeram a delegacia da Colônia com os próprios moradores, os doentes né. O doente que era delegado daqui ainda tá vivinho da silva. Elas também trouxeram pra cá melhores médico e até cinema tinha sabe. Nossa, foi uma época boa a delas e ainda tem doente que fala mal delas. Isso, tem gente que fala mal delas, mas é porque essa gente só queria saber da desordem. Imagine o senhor, quem vai gostar de alguém que estrague seu trabalho né. Não, ainda não vi administração melhor que a delas.

As irmãs também conseguiram recursos da Holanda por meio do padre João De Vries para a construção de um conjunto residencial que ganhou o nome de Guilherme Alexandre, em homenagem ao príncipe da Holanda. O conjunto, existente até hoje, tem 99 casas conjugadas e foi destinado aos casais. O padre João De Vries, ainda na gestão das irmãs, foi homenageado ao batizarem com o seu nome um colégio localizado no conjunto residencial do qual ele ajudou a construir. A Sra. M nos conta que:

As irmãs franciscanas praticamente ensinou a gente a ler e a escrever. Quem queria aprender alguma coisa teve oportunidade com elas. Antes era tudo sem ordem sabe. Não to falando mal de ninguém, mas o que quero dizer que foi com elas que os doentes tiveram vez de aprender alguma coisa. Olha, tem doente aqui que é professor e filhos de doente também que é alguma coisa graças às irmãs franciscana.

Eu devo muito a elas, foi com elas que minha vida aqui começou a melhorar. Tem gente que diz que não, mas é esse povo que nunca quis nada, nem trabalhar que fala essas coisas delas.

Depois de alguns anos as irmãs solicitaram à Secretaria de Estado de Saúde a desativação da Villa Belisário Penna, pois estavam encontrando dificuldades para manter os dois locais de tratamento. Os internos de Paricatuba foram distribuídos nas instalações da colônia, ficando os casais no conjunto Guilherme Alexandre e os solteiros nos pavilhões coletivos.

Após a saída das antigas irmãs que trabalharam na Colônia fechada, hoje conta com o apoio das Irmãs Missionárias da Consolata, uma congregação religiosa e missionária internacional, com sede na cidade italiana de Turim, formada por padres, freiras e leigos consagrados à Missão Além-Fronteiras. A finalidade específica é a evangelização dos povos missão de fronteira, com preferência pelos mais pobres e excluídos. Chegaram ao bairro Colônia Antônio Aleixo em 1989 em número de três, Irmã Miranda, Irmã José Íris e Irmã Marconólia, vindas de Roraima. Hoje, outras três Religiosas substituem as primeiras: Irmã Giuditta Pia, Irmã Severa Riva e Irmã Theresa Tukani iniciaram seus trabalhos na comunidade 11 de Maio, depois firmaram residência na comunidade Nova Esperança, embora todas as atividades que realizam estejam em todo o bairro da Colônia Antônio Aleixo e até nas comunidades vizinhas do Puraquequara e Bela Vista. As irmãs trabalham na comunidade com várias pastorais sociais, tais como: Pastoral da Saúde, Pastoral da Criança, Pastoral da Juventude etc. Dentro das Pastorais desenvolvem inúmeros projetos junto ao Centro Social e Educacional do Lago do Aleixo e o Espaço Cidadão de Arte e Educação.

## 7. O CORPUS

O corpus utilizado para a aquisição dos enunciados das mulheres entrevistadas foi um questionário elaborado de acordo com alguns critérios de escolha das entrevistadas, a saber senhoras entre 50 e 85 anos de idade com o período de internação de no mínimo 20 anos. Entre os temas recorrentes em suas falas, foram selecionados os detalhes sobre a maneira como conheceram seus esposos, o convívio entre eles e as marcas deixadas pela perda de seus filhos, que segundo relataram eram tirados delas logo após o nascimento devido o medo de serem contaminados pela doença. O questionário foi constituído pelas seguintes perguntas:

1. Qual a sua proveniência (estado, cidade ou comunidade)?
2. Com qual idade se manifestou a doença?
3. Quando chegou a Colônia Antônio Aleixo?
4. Em quais condições chegou a Colônia Antônio Aleixo (acompanhada com pais, parentes ou estranhos)?
5. Antes de contrair a doença, tinha algum namorado, ou já havia tido relações sexuais?
6. E depois de ter contraído a doença, o relacionamento com rapazes se tornou mais difícil? Teve relações com os “sadios”? Ou somente com os doentes?
7. Os encontros nas dependências do hospital eram permitidos?
8. E quanto a um certo pavilhão, mais conhecido como a casa das mulheres solteiras, chegou a morar nesse local? Chegou a saber como funcionava esse pavilhão?
9. Como conheceu seu marido?
10. Casou virgem?
11. Como é a sua rotina de mulher casada?
12. Quantos filhos a senhora teve?
13. Criou todos eles? Ou seus filhos foram tirados da senhora ainda recém-nascidos?
14. E com relação ao corpo, como foi essa mudança do corpo pra senhora?
15. Como a senhora percebia, sentia, via o seu corpo antes e depois da doença?
16. Valeu a pena ter vindo morar na Colônia Antônio Aleixo?
17. A senhora se sente desejada como uma mulher hanseniana?

Conforme já foi mencionado anteriormente, procuro problematizar as falas dessas senhoras entrevistadas a partir de suas narrativas e a partir delas tentar desvendar esse mundo recôndito da sexualidade da mulher hanseniana.

## 8. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

### 8.1 O PODER-SABER

Temos que admitir que o poder produz saber (e não simplesmente favorecendo-o porque o serve ou aplicando-o porque é útil); que poder e saber estão diretamente implicados; que não há relação de poder sem constituição correlata de um campo de saber, nem saber que não suponha e não constitua ao mesmo tempo relações de poder.” (FOUCAULT, 2008, p.27).

No pensamento de Foucault, a temática que é mais claramente delineada e proveniente de um olhar notadamente histórico é, sem dúvida, o poder. Algumas condições possibilitam essa afirmação, como por exemplo, a insurreição de Maio de 68, o trabalho no grupo de informação sobre as prisões (GIP) e, não poderia deixar de mencionar, a leitura do filósofo alemão Nietzsche. Porém, se formos buscar o entendimento acerca dos processos pelos quais os indivíduos se tornam sujeitos como resultado de um intrincado processo de objetivação, notaremos que esse processo se dá no interior de redes de poderes os quais os dividem e os classificam, teremos que revisitar a obra *Vigiar e Punir*, pois é com ela que Foucault dá início, ao que podemos chamar, a fase genealógica. Em Foucault o poder reprime, mas também produz efeitos de saber e de verdade.

Se o poder fosse somente repressivo, se não fizesse outra coisa a não ser dizer não você acredita que ele seria obedecido? O que faz com que o poder se mantenha e seja aceito é simplesmente que ele não pesa só como uma força que diz não, mas que de fato ele permeia, produz coisas, induz ao prazer, forma saber, produz discurso. Deve-se considerá-lo como uma rede produtiva que atravessa todo o corpo social muito mais do que uma instância negativa que tem por função reprimir. (FOUCAULT, 2012, p.44-45).

Nesse sentido, o interesse de Foucault é o poder enquanto elemento capaz de explicar como se produzem os saberes e como somos constituídos na articulação entre ambos. Dessa forma, não se trata mais de se perguntar quem detém o poder, quem o suporta, onde ele se situa, ou ainda, qual é a sua essência, mas de problematizar o seu modo específico de funcionamento, demonstrando em que as relações de poder, coextensivas ao mundo social, são exercidas por meio de dispositivos “microscópicos”. Foucault distingue três regimes de poder, a saber, a soberania régia que concebe um funcionamento essencialmente vertical,

visto que o rei exerce um direito de vida e de morte sob seus súditos; o regime disciplinar cuja função é inventar indivíduos produtivos e uma biopolítica que tem como objetivo se encarregar da própria vida dos indivíduos por meio de um conjunto de mecanismos e de saberes reguladores e corretivos. Esse regime disciplina, essa invenção de indivíduos produtivos, se reproduz na fala de uma das senhoras do Pavilhão Uirapuru I: “Era uma vida cheia de arrumação, sabe, as freiras acordava a gente pela manhã bem cedo. Todas tinha nossos afazeres no pavilhão... e durante o dia nada de falar com homi...era trabalho, aprender a fazer alguma coisa e consulta com médicos.” (Fala da sra.k).

Foucault nunca trata o poder como um elemento unitário, mas como relações de poder que, conseqüentemente, supõem relações históricas e complexas, logo, o poder não existe a não ser em ato. Em nenhum caso trata-se de descrever um princípio primeiro e fundamental de poder, mas um delongiamento no qual se atravessam as práticas, os saberes e as instituições, e no qual o tipo de objetivação não se limita apenas à dominação, mas também não se personifica em indivíduo algum. O poder se espraia através da história.

Não há discurso sem poder. Na Arqueologia do Poder, Foucault trabalha temas como as formações discursivas e as modalidades enunciativas, o regime dos objetos e o regimes dos conceitos, as estratégias, os enunciados, entre outros. Todo discurso se apresenta segundo um jogo de permissões e restrições, assim a sequência de enunciados é configurada segundo o lugar no qual se manifesta o sujeito portador do discurso, ou seja, todos falamos mediante um posicionamento. Somos uma variável, ou melhor, somos um conjunto de variáveis a proferir enunciados. Por isso não há discurso sem poder, assim como não há discurso sem desejo, pois o discurso nunca é absolutamente original, como também completamente imprevisito. As instituições existem justamente para nos censurar, para nos fazer cientes que nosso discurso está na ordem das legalidades, dos ditames, da norma, das regras que nos regem, nos colocando limites no que se pode e o que não se pode fazer, o que se deve ou o que não se deve dizer. A ordem do discurso.

## **8.2 A ORDEM DO DISCURSO: UMA RELAÇÃO ENTRE O DISCURSO, OS SABERES E AS REGULAÇÕES DO PODER.**

Foucault teoriza em a Ordem do Discurso as relações entre o discurso e o poder. Os discursos emergem revestidos de poderes em que geram todo um conhecimento que passa

pelo discurso, as relações de conhecimento deixam de existir caso se desassociem do âmbito do poder que as atravessam. Assim, os saberes tomam forma a partir de redes de práticas discursivas que se munem de poderes, instaurando dessa forma conhecimento sob a forma de poder e sob a forma de conhecimento. O discurso então instituído dentro do jogo poder-conhecimento tem sua produção controlada e ordenada a partir de um número considerável de procedimentos que, ao determinarem as condições de seu funcionamento, delimitam os contornos de mecanismo de interdição e coerção destinados a conjurar seus poderes, à medida que silenciam as vozes do discurso em sua materialidade, evitando dessa maneira sua repercussão.

Foucault classifica a produção do discurso em três grupos, a saber, a exclusão, a sujeição e a rarefação. No grupo de princípios de controle, estão incluídas a interdição, a segregação e a vontade de verdade. A interdição que, nos mostra a junção do discurso com o poder e o desejo, determina que algumas palavras sejam interdidas, isto é: “Sabe-se que não se tem o direito de dizer tudo, que não se pode falar de tudo em qualquer circunstância, que qualquer um, enfim, não pode falar de qualquer coisa.” (FOUCAULT, 1996, p. 09).

Sucedem que, proveniente das instituições que, numa sociedade, existem aqueles que podem e aqueles que não podem falar, havendo, portanto, certos rituais da palavra que separam na comunidade de fala aqueles que têm o direito exclusivo sobre o dizer em certo campo discursivo, como é o caso da Senhora L:

Alguns sadios acham que nós, as doentes, não temos desejo, que não sentimos prazer, só por causa do nosso corpo. Mas só nós doentes podemos falar por nós. Só nós podemos dizer o que sentimos e o que queremos, pois é nós que carregamos a carga da doença em nossa pele.

A política e a sexualidade são áreas onde se pode enxergar com mais nitidez os efeitos das interdições que ao lado do procedimento de segregação, uma sociedade determina o silenciamento pelas censuras entre o certo e o errado, o normal e o patológico, entre o ser e o não ser. É por meio desse discurso de separação, para não mencionar dicotômico, que o saber está basicamente ligado à questão do poder, ou seja, onde é efetuada uma ordenação dos indivíduos que passam por uma forma de governo (o Estado) e por procedimentos disciplinares. Essa disciplinarização por meio da produção de saberes corresponde à disciplinarização do próprio poder, em outros termos, o poder disciplinar não pode ser o que é ou que deve ser, ou ainda, exercido, sem a formação, a organização e disponibilização de um

saber, de instrumentos efetivos de acumulação do saber, logo, isso implica em técnicas de arquivamento, de registros, de métodos de investigação, de pesquisas, entre outros. O poder, por conseguinte, não pode disciplinar os indivíduos sem produzir igualmente, a partir deles e sobre eles, um discurso de saber. Dessa forma, a questão é não somente analisar a maneira pela qual os indivíduos se tornam sujeitos de governo e objetos de conhecimento, mas também a maneira pela qual a produção de um discurso é exigida dos sujeitos, ou seja, um discurso sobre a sua existência, sobre seus afetos, sobre seu trabalho, sobre sua sexualidade, enfim, com o intuito de fazer da própria vida, transformada em objeto de múltiplos saberes, um campo de aplicação de um biopoder.

### 8.3 O PODER POLÍTICO

Numa sociedade como a do século XVII, o corpo do rei não era uma metáfora, mas uma realidade política: sua presença física era necessária ao funcionamento da monarquia.” (FOUCAULT, 2012, p.37).

Entre 1978 e 1979, Foucault voltou sua atenção para o estudo do governo e da governamentalidade; surgia assim uma nova ideia importante de sua análise do poder. Ele analisou o desenvolvimento da arte de governar, desde os períodos clássicos gregos e romanos até chegar a noção de razão de Estado. Embora historicamente “governo” designasse um conjunto variado de práticas, essa categoria, embora Foucault evitasse as categorizações, assumiu a forma de governo de uma população. Foi essa “governamentalidade” que Foucault teve como objetivo expressar e revelar, através de uma análise histórica, o desenvolvimento do tipo específico de racionalidade política e tecnologia do poder, que foi “inventado”, usando um termo bem nietzschiano, no exercício do poder do Estado Moderno. Assim, em vez de controlar um território e seus habitantes, as formas modernas de governo têm um objetivo bastante singular, a população. No entanto para que ela possa ser devidamente governada, se faz necessário saber suas formas de conhecimento específicas, ou seja, é preciso estar inteirado de algumas análises estatísticas, de um conhecimento científico com regularidades específicas, com suas taxas de mortalidade, nascimento e doenças, expectativa de vida, capacidade de trabalho e, conseqüentemente, capacidade de extrair riqueza. Essa objetivação tem como intuito assegurar, sustentar e aperfeiçoar constantemente a vida de todo

indivíduo, esse poder se baseia, ou melhor, está alicerçado no conhecimento individualizante sobre cada aspecto da vida e se move através do controle político dos indivíduos:

Antes das freiras, administração aqui até que não era ruim, sabe, a gente estudava até a quarta série primária. Quando as freiras chegaram muita coisa melhorou. Elas eram dura, sabia tudo da gente, sei lá, parecia que até sabia o que a gente pensava, mas aí nus fez estudar todo o ensino fundamental. A higiene melhorou e também o atendimento médico. Elas sabia o que gente precisava. (Fala da Sra.k).

Trata-se, por conseguinte, de considerar o Estado Moderno menos como uma instituição, mais como uma forma de pensamento estratégico que estabelece práticas que se dirigem simultaneamente a todos e a cada um. A governamentalidade não fica limitada às técnicas disciplinares, mas repousa sobre aparatos específicos de governo, de instrumentos e dispositivos, em suma, os dispositivos de segurança. No entanto, longe de ficar confinada apenas a esses dispositivos, a governamentalidade designa todo um sistema de saberes e conhecimentos diretamente aplicáveis à população. No que tange à Casa das Mulheres Solteiras, havia uma série de leis regulando aquele espaço institucional, de acordo com o Senhor Ray:

A gente não sabia o que estava tomando. Alguns de nós tinha uma noção de que a gente era cobaia. No Uirapuru I, por exemplo, a medicação das moças solteiras era diferente das acamadas, que ficavam no pavilhão logo adiante, a gente podia ver pela quantidade de pílulas que elas recebiam, pelo tamanho e pela cor. Eram diferente. Elas mostravam pra gente, antes de engolir e outras antes de jogar fora (risos). Outra coisa muito ruim é que a gente não tinha muito liberdade pra fazer o que queria. Era uma coisa muito esquisita, tinha hora pra tudo. Não somente no Casa das Meninas, mas nos outros pavilhões também. Num sei, Deus que me perdoe, mas parecia às vezes que era uma prisão.

Essa evolução das formas de seguridade social, a gestão dessas formas de exclusão:

A gente foi jogado aqui nesse leprosário e não perguntaram pra gente se a gente queria vir...eu sei ninguém quer mermo...eu num queria. Ficar aqui afastado de tudo, e foi assim mermo no começo sabe, longe de tudo. Mermo nas poucas veze que a gente ia pra Manaus, mermo lá fora, dentro da cidade a gente se sentia longe dali Eu queria sempre tá aqui. A gente sai da Colônia, mas a Colônia não sai da gente. (fala da Sra. M.).

Assim, essas técnicas direcionadas para a regulação dos processos essenciais de uma população estiveram no próton daquilo que se costuma chamar de o social. A governamentalidade é uma nova reflexão sobre uma noção de Estado, sobre as maneiras de governar, de aumentar a potência desse Estado pelo controle de atividade humana. Esses saberes de policiar com os princípios de administração dos negócios cotidianos de uma comunidade, buscam articular uma dimensão de ordem pública com a preocupação de “bem-estar” da população que é considerada pelo Estado como um conjunto orgânico, quantificável, fonte de riqueza e de força de trabalho. Em suma, essas tecnologias do Estado, essa estatização da sociedade, tais estados de dominação, se estabelecem e se mantêm a fim de conservar o poder.

No curso, *Em Defesa da Sociedade*, Foucault centraliza seu interesse na história e nos historiadores do século XVIII. Nesse curso, um dos temas abordados é a valorização dos conceitos de raça e de guerra de raças como princípios de inteligibilidade da história, que de acordo com Foucault, esses conceitos seriam retomados por Marx e transformados em classe e luta de classes. Segundo Foucault o biopoder teve uma relação muito próxima com o capitalismo:

Este biopoder, sem a menor dúvida, foi elemento indispensável ao desenvolvimento do capitalismo, que só pode ser garantido à custa da inserção controlada dos corpos no aparelho de produção e por meio de um ajustamento dos fenômenos de população aos processos econômicos. Mas, o capitalismo exigiu mais que isso; foi-lhe necessário o crescimento tanto do seu reforço quanto de sua utilizabilidade e sua docilidade; foram-lhe necessários métodos de poder capazes de majorar as forças, as aptidões, a vida em geral, sem por isso torna-las mais difíceis de sujeitar. (FOUCAULT, 1988, p.153).

Foi a partir de *Em Defesa da Sociedade* que surge uma nova ideia da análise do poder. Além da noção de disciplina e da noção das tecnologias disciplinares, noções essas que atuam para formar e transformar o indivíduo pelo controle do tempo, do espaço e pela utilização de instrumentos como a vigilância e o exame, nascia assim o biopoder. A formação do biopoder, segundo Foucault, pode muito bem ser abordada a partir das teorias do direito e da teoria política. O biopoder aparece ao final de um extenso percurso no qual Foucault analisa as transformações do conceito de guerra de raças. Trata-se definitivamente da estatização da vida biologicamente considerada, isto é, do homem como ser vivente, como espécie. Em outras palavras, é com esse termo, biopoder, que Foucault se referia a um poder sobre a vida, sobre nascimento e mortalidade. Com relação à sexualidade, Foucault nos diz que o sexo funciona

como uma dobradiça das duas direções em que se desdobrou o biopoder, ou seja, a disciplina e a biopolítica. No tocante da disciplina, as políticas do sexo, desenvolvidas na modernidade, funcionaram como procedimentos reguladores da população. Podemos citar dois procedimentos que se apoiaram na problemática da regulação que produziram efeitos ao nível de disciplinas, a sexualidade da infância e a histerização do corpo da mulher.

#### 8.4 O PANÓPTICO

O panóptico é uma máquina de dissociar o par ver-ser visto: no anel periférico, se é totalmente visto, sem nunca ver; na torre central, vê-se tudo, sem nunca ser visto (FOUCAULT, 2008, p.167)

Quer eu ande ou me deite, por toda parte estás lá; meus caminhos são todos por ti espiados. A Bíblia (Salmo 139)

Podemos falar do panóptico através da concepção utilitarista, ou das ideias utilitaristas, as quais são encontradas em muitos filósofos ao longo dos séculos, desde os antigos gregos até as grandes figuras do Iluminismo. O utilitarismo clássico ocupou-se de questões éticas como a pobreza, o sofrimento e a justiça, e teve uma tendência a favor da eliminação da miséria, assim como atenuar o sofrimento humano aplicando mecanismos que possam possibilitar um certo conceito de justiça social. Os três mais importantes pioneiros do utilitarismo são: William Paley, Jeremy Bentham e William Godwin. Aqui nos interessa particularmente Jeremy Bentham, que, nascido em 1748, ficou famoso por ser um reformador prisional. Bentham descreve os princípios a serem obedecidos na construção de um espaço físico e na organização das formas de relação entre as pessoas quando se faz necessário controlar o comportamento delas, mantendo-as sob contínua inspeção. Os escritos de Jeremy Bentham sobre o panóptico são formados, principalmente, pelas cartas e por dois pós-escritos. Com relação à estrutura física, o panóptico ou a casa de inspeção tem o formato de um prédio circular com uma torre central, de onde se pode observar as celas construídas em volta dele. As celas têm duas janelas para fazer com que a luz atravesse cada uma delas, possibilitando quem está na torre central possa, a todo instante, testemunhar tudo o que ali se passa. A torre de observação tem grandes janelas abertas para as celas e com isso os detentos são vistos em

sua totalidade. As janelas da torre são cobertas com persianas para impedir aqueles que estão sendo observados possam perceber que estão sendo vigiados. Dessa forma, quem vê nunca é visto, assim como aqueles que são vigiados estão impossibilitados de ver e, conseqüentemente, estão em constante observação. Esse panóptico de Bentham editado no final do século XVIII ficou, por um bom tempo, relegado ao ostracismo, até que Foucault o descobriu:

Examinando os diferentes projetos arquitetônicos” elaborados depois do segundo incêndio do Hôtel-Dieu em 1772, percebi até que ponto o problema da visibilidade total dos corpos, dos indivíduos e das coisas para um olhar centralizado havia sido um dos princípios diretores mais constantes. Em seguida, estudando os problemas da penalidade, me dei conta de que todos os grandes projetos de reorganização das prisões (que, além disso, tratam de um pouco mais tarde, da primeira metade do século XIX) retomavam o mesmo tema, mas já sob a influência, quase sempre explicitada, de Bentham. Eram poucos os textos, os projetos referentes às prisões em que o “troço” de Bentham não se encontrasse. Ou seja, o panopticon. (FOUCAULT, 2012, p.319).

Bentham em suas primeiras cartas já fundamentava esse sistema social de controle e vigilância total para diversas instituições:

Ocorreu-me que o plano de um edifício concebido por meu irmão, que sob o nome de Casa de Inspeção ou Laboratório, ele está para construir, para propósitos, sob alguns aspectos, similares à Casa de Correção. Não importa quão diferentes, ou até mesmo quão opostos, sejam os propósitos: seja de punir o incorrigível, encerrar o insano, reformar o viciado, confinar o suspeito, empregar o desocupado, manter o desassistido, curar o doente, instruir os que estejam dispostos em qualquer ramo da indústria, ou treinar a raça e ascensão no caminho da educação, em uma palavra, seja ele aplicado aos propósitos das prisões perpétuas na câmara da morte, ou prisões de confinamento antes do julgamento, ou casas penitenciárias, ou casas de correção, ou manufaturas, ou hospícios, ou hospitais ou escolas. (TOMAZ, 2008, p.19-20).

Bentham erigiu uma filosofia moral preocupada em responder pragmaticamente a inquietações éticas, dessa forma, o panóptico de Bentham era uma alternativa para uma sociedade que buscava solucionar problemas com os presos, disciplinas e relações de poder.

A invisibilidade é um princípio fundamental do panóptico, a sensação de que se está sendo vigiado, observado, sem sequer poder saber por quem. “Sorria você está sendo filmado!” São grandes os olhos por detrás das câmaras, olhos que não sabemos a quem pertencem e é exatamente essa onividência que produz uma imitação de Deus; Deus artificial, mas que nos faz prisioneiros, temerosos de nós mesmos, que nos faz sentir essa onipresença

fazendo com que nossa própria consciência passe a nos cobrar, a nos vigiar. O panóptico também é um dispositivo econômico, pois não necessita de varias pessoas para que fiquem imbuídas na vigilância de um lugar, configurando-se assim em uma economia de pessoal. Essa configuração panóptica serve tanto para prisões, fábricas, hospitais, lojas, asilos, escolas, entre outros

Agora vamos nos debruçar mais no panoptismo foucaultiano:

Peço desculpas aos historiadores da filosofia por esta afirmação, mas acredito que Bentham seja mais importante para nossa sociedade do que Kant, Hegel etc. Ele deveria ser homenageado em cada uma de nossas sociedades. Foi ele que programou, definiu e descreveu da maneira mais clara as formas de poder em que vivemos e que apresentou um maravilhoso e célebre pequeno modelo desta sociedade da ortopedia generalizada: o famoso Panopticon. Uma forma de arquitetura que permite um tipo de poder do espirito sobre espirito; uma espécie de instituição que deve valer para escolas, hospitais, prisões, casas de correções, hospícios, fábricas, etc. (FOUCAULT, 2013, p.87-88).

Em *Vigiar e Punir* Foucault faz da história das prisões uma investigação bastante minuciosa das relações de poder que pesavam sobre o corpo do prisioneiro, sendo que ele inicia sua investigação primeiramente com o corpo do supliciado, e vai afirmar que esse corpo se liga ao poder através da tortura onde se estabelece o confronto entre o carrasco e o supliciado a fim de se obter uma verdade oculta através de um interrogatório. O suplício como forma de punição funciona como um tipo de ritual que reconstitui o poder do soberano. A passagem dessa forma de punição violenta para uma punição mais branda onde o corpo passa a ser docilizado não se dá por uma simples humanização das punições, e nem mesmo por uma suposta evolução do ordenamento jurídico, mas, de acordo com Foucault, por uma série de disputas, de relações de poder em que num dado momento se reconfiguram. Além disso, o poder de punição sem limites reconhecido na figura do soberano passa a ser percebido como uma disfunção e entendida, em termos de economia, como um evento custoso demais. Logo, como não se trata de humanizar as punições, mas de perceber que crimes diferentes devem ser tratados de maneira diferente, pois o parricida era punido com o mesmo rigor dos crimes menos hediondos, ou seja, era imperativo uma reforma do direito criminal tornando a punição mais eficaz, mais constante e mais bem detalhada em seus efeitos, em contrapartida diminuindo o custo econômico e político. De acordo com Foucault havia três modelos para a prerrogativa dessa reforma do direito: a primeira estava assentada no direito monárquico e as duas outras eram ligadas a uma concepção utilitarista, ou corretiva. Temos, no entanto, com

relação aos dois últimos modelos, a noção de que a punição é um processo para requalificar os indivíduos como sujeito de direito, uma noção jurídica, e, uma outra noção, essa indubitavelmente carcerária, na qual a punição é uma técnica para coagir os indivíduos, utilizando os meios necessários para o adestramento do corpo, não mais o suplício que deixava sinais no corpo, mas uma forma de introduzir hábitos no comportamento dos indivíduos. É exatamente a disciplina que irá substituir o exercício físico das punições. A disciplina, ou como Foucault se referiu a ela em *Vigiar e Punir*, como “o bom adestramento”, nos diz que:

O poder disciplinar é, com efeito, um poder que, em vez de apropriar e de retirar, tem como função maior “adestrar”, ou sem dúvida adestrar para retirar e se apropriar ainda mais e melhor. Ele não amarra as forças para reduzi-las; procura ligá-las para multiplicá-las e utilizá-las num todo. (FOUCAULT, 2008, p.143).

Esse novo controle do corpo implica numa coerção ininterrupta, muito mais constante e que passa a esquadrihar o tempo, o espaço, enfim, toda uma rotina individualizada. Com o recurso da sanção normalizadora, a disciplina traz, dessa forma, uma maneira específica de punir, aplicável, no dizer de Althusser, nos aparelhos de controle do estado, logo, é na:

Na oficina, na escola, no exército que funciona como repressora toda uma micropenalidade do tempo (atrasos, ausências, interrupções das tarefas), da atividade (desatenção, negligência, falta de zelo), da maneira de ser (grosseria, desobediência), dos discursos (tagarelice, insolência), do corpo (atitudes incorretas, gestos não conformes, sujeira), da sexualidade (imodéstia, indecência). Ao mesmo tempo é utilizada, a título de punição, toda uma série de processos sutis, que vão do castigo físico leve a privações ligeiras e a pequenas humilhações. Trata-se ao mesmo tempo de tornar penalizáveis as frações mais tênues da conduta, e dar uma função punitiva aos elementos aparentemente indiferentes do aparelho disciplinar: levando ao extremo, que tudo possa servir para punir a mínima coisa; que cada indivíduo se encontre preso numa universalidade punível-punidora. (FOUCAULT, 2008, p.149).

Esse exercício de controle do poder, por assim dizer, são métodos que permitem o controle minucioso das operações do corpo. No entanto, há de se questionar, o porquê da disciplina, uma técnica específica do poder, é tão produtiva a ponto de tomar indivíduos como objetos e instrumento de seu próprio exercício. E a resposta para esse questionamento se deve ao olhar hierárquico (a torre central da qual se observa sem ser visto); a sanção normalizadora (deve-se criar no indivíduo a sensação de que a observação deve observar e punir) e finalmente o exame, que produz o saber a ser aplicado no próprio observado. O panóptico é,

por assim dizer, o dispositivo que eleva a vigilância hierárquica ao seu limite de aplicabilidade, limite que se quer quase perfeito, dispositivo essencial na composição da disciplina. São novas formas, novos modelos, ou melhor, uma nova configuração do exercício do poder, novas práticas de punição; novas tecnologias do poder.

Foucault interpretou textos de Nietzsche sobre o conhecimento para evidenciar como por trás de todo conhecimento está em jogo um embate de forças, com isso tentou justificar a abordagem da formação de domínios do saber a partir de relações de poder, ou, mais precisamente, de determinadas práticas sociais, as práticas judiciárias. De certa forma, ele privilegia as práticas sociais, as práticas de relação com a verdade e as práticas judiciárias para mostrar como elas deram origem a três tipos de relação com a verdade, ou melhor, três procedimentos de produção da verdade, na Grécia, na Idade Média e na Modernidade os quais ele denominou de prova, inquérito e exame. Mas foi a análise da relação entre o poder disciplinar moderno e o exame considerado como matriz de um novo tipo de saber, o das ciências do homem, que mais tiveram incidência em sua pesquisa.

## 8.5 A ANÁLISE DO DISCURSO

Não se pode afirmar categoricamente quem foi o fundador da análise do discurso, doravante AD. Não se pode de fato fazer dependê-la de um ato fundador, visto que ela é resultante da convergência de várias correntes. As origens da AD na França são marcadas por duas tendências ditas formalistas, o distribucionalismo que tem na figura do linguista americano Zellig Harris seu maior representante, e o estruturalismo de Ferdinand de Saussure. O próprio sintagma “análise do discurso” (discourse Analysis), artigo publicado por Harris em 1952, estuda a organização linguística do enunciado, ou seja, a frase, em seguida define o discurso como sendo a organização dos enunciados do texto. Ele se centra nas formas linguísticas a partir das quais se pode determinar a frequência por processos de comparação e de mudança. Esse método distribucionalista de Harris coloca em primeiro plano as conexões sintáticas entre as frases de um corpus, em contraste com análises saussurianas que se concentram sobre o valor semântico do signo. A linguística saussuriana foi uma influência determinante na constituição da AD. Saussure, por seu lado, descreve a língua como um sistema de diferenças, e com isso visa certa redução na diversidade dos fenômenos linguísticos a um número limitado de elementos distintivos e de regras gramaticais. No

entanto, muitos autores atribuem a origem da AD a Jean Dubois e Michel Pêcheux. Vamos aqui nos deter em Michel Pêcheux que, se não foi o fundador, foi o teórico, por assim dizer, que lançou as bases fundamentais para a análise do discurso.

Michel Pêcheux, filósofo de formação, entende a linguagem como materializada na ideologia, a qual se manifesta na linguagem. Desse modo, o discurso é entendido como um efeito de sentidos numa relação entre linguagem e ideologia. Isso quer dizer que, para Pêcheux a AD consiste em uma teoria não subjetiva da linguagem, ou seja, o sujeito não é mais concebido como o centro do discurso, muito pelo contrário, ele é cindido, dividido, pelo inconsciente, pela língua e pela ideologia. Sendo assim, não é mais possível pensar na transparência dos sentidos, assim como não é mais admissível ver no texto um sentido que existe por si mesmo, visto que de acordo com Pêcheux, os sentidos são condicionados pelas posições ideológicas das quais o sujeito é atravessado.

## **8.6 IDEOLOGIA, ACONTECIMENTO, E FORMAÇÃO DISCURSIVA NA AD.**

Para falar sobre ideologia na AD se faz necessário abordar um teórico marxista, ou seja, Louis Althusser. Antes de adentrarmos na ideologia althusseriana, Terry Eagleton em sua teoria da literatura, nos diz que:

A estrutura de valores, em grande parte oculta, que informa e enfatiza nossas afirmações fatuais, é parte do que entendemos por “ideologia”. Por “ideologia” quero dizer, aproximadamente, a maneira pela qual aquilo que dizemos e no que acreditamos se relaciona com a estrutura do poder e com as relações de poder da sociedade em que vivemos. (EAGLETON, 2006, p.34).

Os juízos de valor que concebemos são historicamente variáveis, no entanto, esses juízos têm, eles próprios, uma estreita relação com as ideologias sociais. Althusser foi o teórico do qual Pêcheux tirou o conceito de ideologia para com isso criar uma diferente noção de sujeito, não mais cartesiano, não mais o sujeito do cogito, mas o sujeito assujeitado; não mais produtor de sentido, mas atravessado por diversas formações discursivas, contingenciado, posicionado dentro de formações ideológicas e sem qualquer controle sobre aquilo que diz ou o que pensa. Ao reler a obra de Marx, Althusser construiu certos conceitos, bem diferentes das vertentes economicistas e idealistas, para tratar da formação de sentido da

ação social, dessa forma ele conseguiu chegar à conclusão de que a ideologia tem o papel de sobredeterminar o sentido da ação social, na medida em que o indivíduo se torna sujeito assujeitado pela ideologia. Pêcheux encontra nesses conceitos construídos por Althusser os instrumentos de que precisava para tratar da formação dos sentidos dos enunciados, em outros termos, para explicar os efeitos da ideologia na formação dos sentidos dos enunciados. Dito de outra maneira, ele recorre ao materialismo histórico de Marx e Engels reorganizados por Althusser, ou seja, recorre aos conceitos de ideologia em Marx e Engels, e, com esses conceitos, constrói sua inovadora teoria do discurso em sua obra *Semântica e Discurso*, e com isso, funda a chamada análise do discurso de vertente francesa. Em *Semântica e Discurso*, por exemplo, Pêcheux assevera que o sentido de uma palavra de uma expressão, ou mesmo de uma proposição, não existe em si mesmo: “As palavras, expressões, proposições (...) mudam de sentido segundo as posições sustentadas por aqueles que as empregam, o que quer dizer que elas adquirem seu sentido em referência a essas posições, isto é, em relação às formações ideológicas.” (PÊCHEUX, 2014, p.146).

Vamos agora abordar o que foi chamado três épocas da análise do discurso. Antes, vejamos o conceito de discurso forjado a partir de uma reflexão crítica sobre o corte fundador, operado por Saussure, de acordo com Malidier (1996, p. 44):

Baseando-se na língua (compreendida como sistema no sentido saussuriano), o discurso reformula a fala, cujas implicações subjetivas devem ser eliminadas, Pêcheux supõe, segundo a fórmula althusseriana, uma mudança de terreno, ou seja, a intervenção de conceitos exteriores à língua. O novo objeto é assim definido, e essa posição jamais será alterada, por uma dupla fundamentação na língua e na história.

A entrada de Michel Pêcheux na vida intelectual deu-se por dois textos assinados com o pseudônimo Thomas Herbert entre os anos de 1966 e 1968. São trabalhos que tratam da epistemologia das ciências sociais e de uma história geral das ideologias. No entanto, sua entrada em uma teoria e análise do discurso ocorreu em dois textos nos quais trata das diferenças em uma análise do conteúdo e uma análise do discurso. Para que não haja dúvida com a relação à diferença entre essas duas análises, recorro ao exemplo elucidativo do professor Sérgio Freire postado em uma de nossas redes sociais:

“Professor, mas qual é a diferença da Análise de Discurso para a análise de conteúdo?”

"Naquele dia quente, Daniel beijou Marcos porque ele disse que 'não podia mais aceitar que a sociedade tradicional determinasse a sua felicidade'. Eu vi tudo. Foi uma pouca vergonha!"

Análise de Conteúdo:

1 Quando ocorreu o fato narrado?

– Num dia quente, provavelmente verão.

2 Quem tomou a iniciativa?

– Daniel.

3 Quem forma o casal com Daniel na história?

– Marcos.

4 Por que Daniel beijou Marcos?

– Porque não quis mais aceitar que sua relação com Marcos fosse determinada pela sociedade tradicional.

5 O narrador da história presenciou a cena?

Sim, ele afirma que viu tudo.

Análise de Discurso:

1 Qual é o conceito-análise do texto?

– Afetividade.

2 Quais conceitos de afetividade são construídos no texto?

– O conceito de homoafetividade (dos personagens) e o conceito de heteroafetividade (em oposição);

3 A que discursos pertencem esses conceitos presentes no texto?

– Ao discurso da homoafetividade e ao discurso de moral tradicional, respectivamente;

4 A que discurso se filia o sujeito narrador da história?

– Ao segundo.

5 Como podemos afirmar isso?

– Pela seguinte segmentação textual: "Foi uma pouca vergonha!". É uma frase que apresenta um juízo de valor negativo em relação à cena narrada.

É por aí. (FREIRE, Sérgio Augusto. 1º de agosto de 2017. Página do facebook.)

O que Malidier considera como uma aventura teórica, ou como ficou conhecida “a primeira época”, inicia-se com o livro *A Análise Automática do Discurso*, doravante AAD, que se trata de uma proposta teórico-metodológica em que é feita uma releitura de Saussure, em seu *Curso de Linguística Geral (CLG)*, deslocando o objeto, onde a língua passa a materializar os processos discursivos nos quais estão envolvidos o sujeito e a história. Na segunda época se caracteriza pelo aparecimento da noção de heterogeneidade e também pela reinterpretação de formação discursiva de Foucault. Uma formação discursiva (FD) é constantemente modificada por elementos oriundos de outro lugar, de modo que, toda FD é atravessada por outras FDs, mas ainda assim, sempre há uma que é dominante, e é justamente deste lugar que o sujeito produz seu discurso. Em relação à FD Mussalim (2009, p.119) nos diz que:

Uma formação discursiva determina o que pode ou deve ser dito a partir de um determinado lugar social. Assim uma formação discursiva é marcada por regularidades, ou seja, por regras de formação concebidas como mecanismos de controle que determinam o interno (o que pertence) e o externo (o que não pertence) de uma formação discursiva.

Mussalim nos mostra com bastante clareza que uma FD sempre se corresponde com outras FDs, ou seja, ela se baseia em outras FDs para elaborar seu próprio discurso. Dessa forma, uma FD é, por assim dizer, atravessada pelo pré-construído, que na definição de Pêcheux, nada mais é que os discursos que chegam de outros lugares e fazem da FD um espaço onde os enunciados são retomados e reformulados. Pêcheux também em seu célebre artigo nos mostra a relação das formações ideológicas e as FDs:

Apoiando-nos em grande número de observações contidas no que chamamos de “os clássicos do marxismo”, nós sustentaremos a ideia de que as formações ideológicas assim definidas comportam necessariamente, como um de seus componentes, uma ou várias formações discursivas interligadas, que determinam o que pode e deve ser dito (articulado sob a forma de um pronunciamento, de um sermão, de um panfleto, de uma exposição, de um programa, etc.), a partir de uma dada posição, numa dada conjuntura: o ponto essencial aqui é que não se trata somente da natureza das palavras empregadas, mas também e, sobretudo, das construções nas quais essas palavras se combinam na medida em que essas construções determinam a significação que as palavras terão. As palavras mudam de sentido segundo as posições sustentadas por aqueles que as empregam; as palavras mudam de sentido ao passar de uma formação discursiva para outra. (PÊCHEUX, 1971, p.8-9).

Pêcheux, dessa forma, ao considerar uma formação social, pode-se falar de uma formação ideológica em um dado momento, de modo que, cada formação ideológica constitui assim um conjunto complexo, que, conseqüentemente, não são nem individuais nem coletivas, no que concerne às suas atitudes e representações, mas que se referem à posições de classe em conflito uma com as outras.

Na terceira época, Pêcheux aproxima-se dos trabalhos de Mikhail Bakhtin e Authier-Revuz para então inserir a questão das heterogeneidades enunciativas em seu trabalho. Gostaria aqui de discorrer um pouco sobre a noção de acontecimento na AD. É sabido que a noção de acontecimento é crucial para a AD, devido a sua relação com a enunciação, como também sua relação com a história. Possenti caracteriza o acontecimento como o que foge à estrutura, ou a uma rede casual, ou a uma origem, e assevera que traços dessa concepção podem ser encontrados em Ducrot para quem a enunciação é: “O acontecimento constituído pelo aparecimento de um enunciado. A realização de um enunciado é de fato um acontecimento histórico: é dada existência a alguma coisa que não existia antes de falar e que não existirá mais depois.” (DUCROT, 1987, p.121).

A AD, por sua vez, não concede ao acontecimento um lugar privilegiado, pois prefere o repetível, o estrutural, diferente de Foucault que o define da seguinte forma:

A supressão sistemática das unidades permite restituir ao enunciado sua singularidade de acontecimento; não é mais considerado simplesmente como manifestação episódica de uma significação mais profunda que ele é; é tratado na sua irrupção histórica; o que se tenta observar é a incisão que constitui sua emergência. (NEVES, 1971, p.55).

Para a AD o acontecimento, digamos fundamental, ou melhor, em suas práticas mais comuns de análise, é o que dá ensejo à sua retomada ou à sua repetição. É importante salientar que o acontecimento em AD não é necessariamente aqueles em que os indivíduos se dão conta, um manifesto, a publicação de um livro, um editorial, um programa de governo, entre outros, mas acontecimentos discursivos, por assim dizer, ou parafraseando Foucault, apenas como discursos, aqueles que fundam uma discursividade, como por exemplo, o estruturalismo, o marxismo, o freudismo, o feminismo, etc. Discursividades que, em certa medida, com seus dispositivos, permitam romper com uma história que se ocupa exclusivamente com o sentido, ou melhor, que significasse uma verdadeira ruptura linear.

São com essas teorias, a AD francesa e a foucaultiana que desejo empreender o processo de subjetivação das mulheres hansenianas entrevistadas.

## 9. ANÁLISE DOS DADOS

### 9.1 O CASAMENTO

A tessitura narrativa que constrói as memórias aqui analisadas percorre caminhos semelhantes, compondo lembranças cercadas pelas minúcias que povoam o cotidiano. Analisando a construção empreendida por tais senhoras procuro perceber a maneira como estas instituíram determinada versão para suas uniões amorosas, bem como as imagens criadas a partir de suas falas para definir suas experiências. Nesta perspectiva sigo a seguinte ordem cronológica por elas estabelecida: os namoros controlados, e a escolha de “maridos trabalhadores”.

Para Foucault (1986): “O poder não é um lugar que se ocupa, nem um objeto que se possui. Ele se exerce, se disputa [...]; nessa disputa ou se ganha ou se perde”. No espaço interno da Colônia, instituíram-se leis e regulamentos para o controle e punição de quaisquer descumprimentos das leis estabelecidas pela direção do hospital (a Colônia). O objetivo era a estruturação do espaço de modo a facilitar o exercício do poder e do controle.

Quando cheguei na colônia pensei que a coisa fosse solta sabe, mas que nada, a primeira coisa que me fizeram fazer foi me inscrever, que nem essas listas de espera sabe, mas aí me levaram pra ver um médico sabe, e tinha lá que nem uma cartão pra gente se registrar. Eu acho que isso era a maneira deles de ter controle da gente né. A gente não tinha muita moleza por aqui não, sabe, quem quisesse moleza tinha que ir lá pro lago do Aleixo, lá num tinha tantas regra como tinha aqui na colônia, mas é claro que uma vez lá pra voltar teria que pagar pela desobediência, ia ser castigado de alguma forma sabe. Era assim e não tinha outro remédio.

A tessitura narrativa que constrói as memórias aqui analisadas percorre caminhos semelhantes, compondo lembranças cercadas pelas minúcias que povoam o cotidiano. Analisando a construção empreendida por tais senhoras procuro perceber a maneira como estas instituíram determinada versão para suas uniões amorosas, bem como as imagens criadas a partir de suas falas para definir suas experiências. Nesta perspectiva estabeleci a seguinte ordem cronológica: os namoros controlados, e a escolha de “maridos trabalhadores”.

Conforme a senhora L havia uma série de “leis” regulando o espaço:

Bom, namorar não era coisa de outro mundo, nunca foi né. Mas é verdade sim que a autoridade aqui na Colônia naquele tempo não permitia a gente se chegar muito com o homem não. Depois fiquei sabendo que era pra não aumentar o número de doentes. A gente era vigiada sim, e principalmente a noite depois das dez em todos os pavilhões. Mas sabe como é né (risos) a gente sempre dava um jeito pra essas coisas (risos).

Havia alguns espaços de sociabilidade na Colônia Antônio Aleixo que favoreceriam os encontros entre os doentes. A senhora L nos relata que esses encontros às escondidas aconteciam em lugares como o Hospital Geral Geraldo da Rocha, nos horários de visita e no Pavilhão Uirapuru I, conhecido como a casa das mulheres solteiras:

Não havia muito lugar pra gente se divertir sabe, e quando isso calhava de acontecer, a coisa era feita na surdina (risos)... as paqueras sempre se dava assim no refeitório do Hospital, nas visitas. Sabe como é né... os bilhetinhos, as fofocas, os alcoviteiros...vixe o que falta na Colônia é alcoviteiro. Mas também na casa das mulheres solteiras a coisa também acontecia. Tinhas as visitas permitidas dos rapazes solteiros lá, mas era tudo vigiado sabe, e depois das nove ou dez da noite fechavam os portões... mas depois sabe né... conversa vai, conversa vem com o vigia e a coisa tomava rumo bom.

As paqueras aconteciam nos locais onde a sociabilidade abria algumas fendas, como nos locais de trabalho ou nos refeitórios. O centro social onde vez ou outra acontecia alguns eventos (bailes, festa de aniversário, entre outros) era palco de alguns arroubos entre os pretendentes mais afoitos. De acordo com a senhora J, havia na época um pavilhão que era conhecido como a casa das mulheres solteiras, onde os homens, na sua maioria solteiros, iam tentar sua sorte a fim de encontrar sua cara-metade. Em geral, namorar nos pavilhões era proibido, a não ser na casa das mulheres solteiras. Lá os rapazes eram bem recebidos pelas moças, que, sempre bem vigiadas, eram tratadas com respeito e agraciadas com presentes nos quais se resumiam em vestidos, doces, perfumes, flores e outras meiguices para agradar aquelas que lhes dariam um pouco de ternura numa vida recheada de abandono e exclusão. Depois de superado todos esses entraves, o casamento devia ser consentido pelas pessoas que controlavam, ou organizavam aquele confinamento. Aí tinham que passar pelo discurso religioso que estabelecia as regras para o matrimônio, entre outras coisas. O discurso médico respondia pelos tratamentos experimentais selecionando suas cobaias e exportando os recém-nascidos para o mundo dos “sadios”.

As mulheres já devidamente casadas tinham agora uma outra preocupação, continuar a se relacionar sexualmente com seus maridos. Em geral, de acordo com as falas das senhoras L

e K , as esposas hansenianas não se colocam como beneficiadas pelo prazer, mas como objeto de satisfação do homem e como reprodutoras. A senhora K nos diz que:

Os encontro nas dependência' do hospital erum sempre. Proibido...e sempre tinha uns guarda andando pelos corredor do hospital a fim de pega a gente no namoro, sabe... mas a gente sempre dava um jeito né...era chato ficar se escondendo dos guarda, mas era bom...oh trem bom de gostoso!!

Nesse relato podemos destacar, segundo Foucault, a resistência “a gente sempre dava um jeito”, e uma marca de satisfação proveniente dessa resistência, “Oh trem bom de gostoso!!”. O uso do termo “trem” marca a proveniência da senhora K que provavelmente é do centro-oeste ou sudeste do Brasil. A mesma senhora K relata como conheceu seu marido e um pouco da convivência com ele:

Conheci meu esposo no refeitório do hospital sabe, ele num ia lá todo dia, mas quando ia num tirava os olho de mim. Me mandava bilhetinhos e de bilhete em bilhete a gente acabô atrás de uma mangueira que ficava no quintal do hospital (risos), depois o padre casou a gente e depois com o tempo tudo muda né...parece que a coisa fica mais sem graça. O marido esquece a gente e a gente aceita.

Nesse trecho temos uma formação discursiva religiosa na qual se subtende que houve uma união ungida por Deus e a mulher tem que aceitar esse destino. Constatada na sua resignação: “o marido esquece a gente e a gente tem que aceitar.”

A senhora L por sua vez também nos apresenta um sujeito atravessado pelo discurso religioso:

Meu marido não está nem aí pra mim. Não me dá carinho, só sexo. Tive dois filhos com ele, mas só. Só me procura quando tem vontade. É assim mesmo. Deus sabe o que faz.

A senhora N nos relata algo interessante:

Meu marido quase não me procura. Tô com ele mais de vinte ano e ele sempre me procuro pouco. Tem uns trejeito delicado e vive socado na casa de um amigo encangado com ele sabe. Sempre escuto conversa contrária sobre ele, mas num me incomodo não.

Nesse relato as marcas “ele sempre me procuro pouco”, “encangado com ele” e “trejeito delicado” traz à luz um tema que ainda é tabu na sexualidade hanseniana, o homossexualismo.

Vichi!! (risos). Olha essas coisas sempre teve em todo lugar, não sei por que aqui devia ser diferente né? As pessoas sempre comentavam essa história de mulher doente com outras doentes, mas isso é uma coisa que o senhor dificilmente vai encontrar mulher que assuma isso. Nossa isso é até pecado né? Essas coisas aqui eu acho que não. O povo doente não fala, acho que até faz, mas não fala. A gente doente não vê isso, não fala isso. A gente doente não aceita isso sabe.

A senhora Z, por sua vez: “Meu marido vive me dizendo que mulher não tem necessidade de gozar. Gozar pra que se é a gala<sup>2</sup> que faz o filho.” Por detrás desses discursos, é possível identificar a formação ideológica, o homem no papel do sujeito ativo e a mulher no papel do sujeito passivo, sendo contingenciados por uma formação discursiva machista. Foucault ressalta:

Nota-se que as mulheres no isolamento são de fato circunscritas, já que toda a sua atividade sexual deve se situar no interior da relação conjugal sob a mera condição de reprodutora, cabendo aos maridos o direito de usá-las como objeto de prazer.

Muitos relacionamentos também começavam nos bailes que aconteciam frequentemente no centro social. O namoro da Sra. L por exemplo, começou num desses bailes:

Fomos num baile no centro social. Ele começou me dando umas olhada e mandou recadinho pelo um amigo dele, e depois já começamos a namorar. Ele ia na casa onde eu morava com uma família desde que que cheguei na Colônia. As madres sempre diziam pra gente ter cuidado com os home que a gente se relacionava sabe, mas era assim, depois daquele baile no centro social, não deu mais pra eu largar dele, acho que já estava apaixonada (risos). Depois levei ele pra “minha família” conhecer, e pras madres também. As madres gostaram dele, ainda bem. Como ele tinha já um ganho dentro mesmo da Colônia, e casa também, não houve muito mais coisa pra atrapalhar a gente. Muita gente dizia que as madres não deixavam a gente namorar. Isso não é verdade, elas tinha a regra delas, e tinha gente que não aceitava, acho que isso é normal. É como uma casa, alguém tem que colocar ordem né.

---

<sup>2</sup> O termo gala é uma expressão usada por pessoas menos letradas para designar esperma.

Nota-se na fala da Senhora L que apesar de ela instituir uma versão de si que procura mostrar uma total liberdade na escolha dos pretendentes, era o controle institucional que deveria aprovar ou não os matrimônios, nesse caso através do poder religioso, que nos leva a perceber que se houvesse alguma interferência por parte das religiosas, a Sra. L não questionaria qualquer imposição, ao contrário, ela nos passa uma imagem de resignação a um destino que para ela seria inevitável. A “escolha” dos maridos parecia ser realizada conforme os desejos das irmãs franciscanas e dos médicos.

Conforme conta a Sra. K não havia discussões a esse respeito do que os doentes pensavam, pois se o namoro quisesse avançar a ponto de chegar a um compromisso de casamento tinha que ter o consentimento do poder médico ou religioso:

Pra casar tinha que tirar ordem do médico, licença né e com as irmãs também, era a mesma coisa sabe, se elas aceitavam tudo bem, e se não aceitavam, cada um ia pro seu lado e pronto, a gente não casava e tínhamos que no dá por satisfeito.

A vida cotidiana na Colônia na época do internamento era regulada por leis que nem sempre eram vistas com bons olhos por alguns doentes internos. As irmãs franciscanas que cuidavam dos doentes, de acordo com alguns relatos, estabeleceram a união católica entre eles. A Sra. M nos relata o seguinte:

As freiras queria que a união entre nós doente fosse católica, tinha que ser na religião delas. Bom, elas tomavam conta de nós né, então eu acho que não podia ser de outro jeito né, assim vi doentes que não gostavam dessa coisa de casar na igreja delas, mas fazer o que né, no final das contas eram elas que nos ajudava.

A resignação à vontade das irmãs parece estar ligada ao forte respeito e gratidão que os doentes nutriam em relação a elas. Mesmo havendo alguns atritos, principalmente entre aqueles hansenianos que não eram católicos e que acabavam por aceitar essa união imposta.

Porém havia outras regulações que vigoravam no interior do casamento entre os hansenianos. Aos olhos do poder médico e religioso daquele hospital asilar, a mulher hanseniana deveria desempenhar somente um papel na união matrimonial, o papel de reprodutora, onde não lhe era permitido desfrutar do prazer, conforme relato da Sra. K:

Quando fui morar com meu marido, na casa que ele já possuía antes mesmo da gente casar, ele vivia me dizendo que essas coisas de fantasia e de goza era coisa da mulher da vida, a gente tinha mesmo era que cuidar do marido e servir ele da melhor maneira, e que a gente não podia viver sem o homi de casa que depois do contato a gente devia dá graças a Deus por ter um homi trabalhador.

Esse ser assexuado que a mulher tinha que desempenhar, sempre foi uma constante na trajetória feminina, Mary Del Priore em seu livro *Histórias Intimas* (2011), nos apresenta vários relatos em que à mulher era destinada uma posição excludente e submissa, tal quais as hansenianas vivenciaram em suas uniões matrimoniais:

Embora tivesse clitóris, à mulher só cabia uma função: ser mãe. Os médicos no século XVI acabaram por definir o desejo sexual algo como negativo e mais feminino do que masculino. O coito não era necessário ao homem para a conservação da saúde, diziam. Isso cabia às mulheres, mas sempre com o objetivo da procriação.

Essa prerrogativa atribuída aos médicos de poder decidir o que era permissível ou não na sexualidade feminina também era comum entre as mulheres hansenianas no complexo asilar da Colônia Antônio Aleixo. A senhora M nos apresenta o seguinte relato:

Não, a gente não era livre pra decidir nada aqui. Tudo passava pela palavra das irmã ou do doutor as vezes dizia como tinha que ser pra gente não sair da linha. Eu tinha era vergonha de falar certas coisas pro marido e tinha coisas que nós num fazia não, veja o senhor, tinha o sermão, tinha a consulta e os dias de visita assim sem a gente saber.

## 9.2 MATERNIDADE

Socialmente, a maternidade é percebida como o papel fundamental da mulher. As representações da maternidade podem ser explicadas através do processo de socialização das meninas que desde pequenas são treinadas para realizarem o cuidado de si e dos outros. Nas brincadeiras infantis, frequentemente estão com o “bebê” no colo, alimentando-o e cuidando das necessidades fisiológicas. Esse papel de cuidadora do outro é internalizado por muitas mulheres como uma meta a ser alcançada, algo que trará a realização pessoal, um sentido para sua vida. A mulher aprende que a dedicação aos filhos é sua atividade mais nobre. As mulheres que foram portadoras da hanseníase, durante grande parte do século XX, não tiveram a possibilidade de realizar o papel materno de cuidadora. A dedicação e o cuidado

dirigidos aos filhos esbarraram nas políticas isolacionistas adotadas pelo Estado para conter a hanseníase. Na busca por vivenciar seu papel de mãe, várias mulheres encontraram em uma nova gravidez ou na adoção a possibilidade de dar sentido à vida atravessada pelo sofrimento causado pelo afastamento ou pela perda dos filhos. Esta capacidade de passar pelo sofrimento e conseguir superá-lo é descrito na literatura como resiliência (Angst, 2009). O encontro com mulheres residentes de um hospital asilar Colônia Antônio Aleixo, que abrigou no período de internação compulsória as mulheres portadoras de hanseníase. Logo, é mister refletir sobre a questão da maternidade, que por medidas profiláticas não pôde ser exercida pela maioria dessas mulheres. Será discutido nessa parte da análise, como essas mulheres absorviam a separação dos filhos e a adoção como a estratégia de enfrentamento utilizada pelas mulheres hansenianas para significarem o papel de mãe e dessa forma resgatar os sentidos da maternidade em suas vidas.

O processo de subjetivação empreendido pelas entrevistadas institui vidas marcadas por casamentos aceitos pelo meio institucional onde viviam, com maridos trabalhadores. Essa autoimagem elaborada pelas personagens é cercada pelo que Foucault chama de processo de subjetivação, produzindo modos de existência e estilos de vida. No desejo de constituir uma família, nada mais natural que tais senhoras desejassem a maternidade. Del Priore (2011), ainda que referindo-se à concepção de virtude feminina no século XIX, parece bem de acordo com a perspectiva que parecia envolver o cotidiano institucional que cercava as hansenianas entrevistadas: “a virtude feminina residia na existência do recato e do pudor, constituindo-se ambos em elementos fundamentais para o cumprimento da missão que fora investida por Deus, pela natureza e pela sociedade: a maternidade”. Através dos relatos dessas senhoras é possível perceber que em sua constituição de si enquanto mulheres virtuosas, ter filhos era quase uma obrigação, era isso que esperavam delas dentro do meio social em que viviam. Todavia, por muitos anos, ser mãe dentro daquela instituição asilar não era algo simples. Ter filhos envolvia questões de saúde pública que interferiram drasticamente na vida dessas mulheres. A Sra. M nos relata a seguinte situação:

Sempre quis ser mãe, é o destino que Deus deu pra nós mulher. Minha mãe sempre disse que é uma benção, mas o problema é que a gente sempre via os filhos das outras ser mandado embora quando nascia por causa do médico que dizia que num era bom ter filho na nossa situação por causa que a gente era doente e a cria num ia vingar. Mas sabe como é né, a gente peleja, peleja até fica embuchada.

De acordo com Ribeiro (2007) Os filhos resultantes dos casamentos realizados na Colônia Antônio Aleixo eram encaminhados ao Preventório Gustavo Capanema que hoje recebe o nome de Educandário. Muitas crianças eram adotadas pelos familiares dos doentes, mas essa prática na época não teve o efeito esperado pelas autoridades devido o medo do contágio por partes dos parentes. Outras crianças tornavam rumo desconhecido, pois muitos dos hansenianos chegavam à Colônia Antônio Aleixo acompanhados de funcionários do governo ou de pessoas que não possuíam nenhum laço familiar. O Preventório era o local para a segregação das crianças, ou seja, os filhos dos portadores do mal da hanseníase. Elas eram assim destinadas a outras famílias justamente por serem filhos de doentes, pois acreditava-se que por elas já terem tido contato com o foco da doença, elas estavam mais propensas a desenvolver a doença e por isso deveriam ir para um local devidamente apropriado onde seriam examinadas e posteriormente encaminhadas para adoção. As mães somente poderiam ver as crianças no momento do nascimento.

Como foi dito anteriormente os filhos dos hansenianos naquela época também eram encaminhados para os hospitais de Manaus ou algumas entidades religiosas para adoção. As mães viam apenas uma vez as crianças de longe. Quando não eram levados para adoção, eram separados de suas genitoras até a adolescência não podendo jamais serem amamentados por elas. De acordo com a senhora K: “A gente tinha receio de engravidar no começo e depois quando ficamos sabendo que destino a criança teria a gente pensava em fazer besteira.”

Por mais que pudesse parecer absurdo, o aborto em alguns casos era uma possibilidade real, em virtude das crianças não permanecerem com os pais após o nascimento, como ficou subentendido no relato da senhora L: “Eu cometi o pior pecado que uma mãe pode cometer e sei que Deus jamais vai me perdoar por isso e peço a ele que guarde minha crianças com os anjos.”

Nesses dois relatos percebe-se uma formação discursiva bastante religiosa, principalmente no caso da senhora L que parece carregar consigo o sentimento de remorso. Como já foi mencionado anteriormente, a maternidade era sinônimo de identidade, ou melhor dizendo, uma espécie de virtude entre as mulheres hansenianas de modo que a infertilidade não era vista com bons olhos por elas próprias: “Não consegui ter filhos, nunca pude engravidar, por isso eu nunca prestei né.”

Essa certeza de inutilidade em face de não poder engravidar, “Eu nunca prestei né.” Essa vergonha quase que velada, demonstra uma condição quase sempre passiva na sexualidade da mulher hanseniana. Um outro fato bastante curioso e que segundo Deleuze

(2006, pág.137), tanto a honra quanto a vergonha são elementos constitutivos da virtude feminina, o que ficou evidente na fala da senhora L:

O doutor me chamou um dia e fiquei surpresa...que diabo aquele home queria comigo...ele me disse que eu não teria mais filho e por pouco tempo num teria meu marido pois ele não podia mais sabe...então a gente ficava só brincando na cama, mas ele não me tinha mais como mulhe...e eu tinha que fica com ele sabe...custume né...e ele era bom sabe.

Cabia, pois, à administração hospitalar alertar a senhora L que jamais teria filhos e passaria a ter relações sexuais com seu marido por pouco tempo. A senhora L instituiu sua imagem de esposa resignada e permaneceu ao lado do seu esposo até os dias de hoje. Ainda com relação ao destino dos recém-nascidos, sempre paira um dúvida de incerteza no cotidiano das mães hansenianas, comenta uma senhora H sem filhos e com certa indignação:

Me desespero ao ver essas criança nascer e tomare rumo que nem sei pra onde. Elas são arrancada das mãe contra a vontade delas no momento que nasce. Ai! Tão horrivi que a gente num sabe nem como falar isso.

O sujeito aí expressa uma indignação diante do fato observado. Esse sentimento de indignação parece aproximar essas mulheres, mesmo aquelas que não compartilham da maternidade, daí o porquê de Foucault (2014) afirmar que o poder não somente reprime, mas possibilita saberes e possibilidades de resistência.

### **9.3 NADA SERÁ COMO ANTES: O CORPO DE HOJE E O CORPO DE OUTRORA.**

Mas por que o corpo? Porque o corpo é história. A concepção do corpo, seu lugar na sociedade, sua presença no imaginário, na vida cotidiana e nos momentos excepcionais sofreram modificações em todas as sociedades históricas. O corpo é atravessado por uma tensão, por uma oscilação entre repressão e exaltação, entre a humilhação e a veneração, e, é claro, entre o passado e o presente.

A sexualidade, no caso das mulheres hansenianas, inevitavelmente permeia a problemática do corpo, e, dessa forma, a pesquisa sofreu uma guinada com relação à própria questão da sexualidade, já que empiricamente falando, o comportamento das mulheres assoladas pela hanseníase, possibilita o sujeito, ainda que inconscientemente, a refletir sobre si. Nessa perspectiva, volto ao argumento da análise do poder foucaultiano, com a sua noção de disciplina, ou das tecnologias disciplinares que atuam para formar e transformar o indivíduo pelo controle do tempo, do espaço e da atividade, ou seja, um poder sobre a vida, sobre o corpo, corpo que passa a ser o objeto que materializa discursos e reflete processos de constituição, em face da sua estrutura corpórea alterada pela doença já mencionada. Assim, delimitei, desta vez, não a sexualidade em si, mas o corpo feminino alterado pela praga de Hansen, o corpo desumanizado e coisificado. A maioria dessas mulheres entrevistadas que viveram o processo de segregação ainda hoje se vê e se auto intitula como doente. É comum ouvir delas a auto denominação de doente, ou a forma de ver o outro como “sadio” e que de acordo com Souza (2011) fazendo uma auto distinção de si, essas mulheres não são mais hansenianas pois não portam mais o bacilo, mas sim mulheres sequeladas pela hanseníase. Além de mulheres atingidas pela hanseníase que não possuem uma aceitação social, pode-se muito bem identificar nelas uma auto rejeição, como se pode verificar no relato da Sra.C

Sim, o Pereira era doente que nem eu. Acho que nós mulher doente não tem como escolher, no fim a gente acaba ficando com quem quer a gente. O senhor entende? Pra começar ninguém queria ficar doente. Eu pelo menos não queria, e depois de doente a vida da gente fica mais difícil. Quando a doença piorou mesmo eu ficava a maior parte escondida, eu tinha vergonha de mostrar pras pessoas. Eu só fui lá pra fora porque uns amigos me levaram, mas mesmo assim eu não me sentia bem no meio dos sadios. Acho que eu mesmo tinha preconceito de mim.

De acordo com Claro (1993) o doente é estereotipado com um rótulo social, que significa impor-lhe uma marca, que, de certo modo, o reduz a uma condição inferior ao padrão da “normalidade”. Este estereótipo estigmatizante, tal qual a letra escarlate de Hawthorne, essas mulheres hansenianas a carregam em seu corpo sequelado:

Eu até tinha vontade de sair lá pra fora. Conhecer lugares legais, ir pra um restaurante bom, conhecer outras pessoas, mas com esse corpo meio comido, essas mãos quase sem dedos, esse resto de nariz e essa pele cheia de feridas, não, as pessoas não tem culpa da nossa desgraça. (Sra.V)

Na pretensão de compreender como a Hanseníase é percebida pelas mulheres pesquisadas, de acordo com Claro (1993) buscou-se levantar o aspecto relacionado à sua autopercepção e imagem: para que compreendamos o papel e a força das imagens instauradas acerca da hanseníase é preciso ter em mente os significados que envolvem a doença, sendo assim, a compreensão desta relação deve ter como base três conceitos: o primeiro está relacionado às representações sociais da enfermidade, o segundo refere-se ao imaginário, e por último a cultura.

O mundo moderno impõe corpos perfeitos, rotula conforme as pessoas se mostram ao mundo, ao viver a situação de encontrar-se acometida por uma enfermidade deformante, mutilante, que pode trazer sequelas irreparáveis, é compreensível a percepção diferenciada dessas mulheres acometidas pela doença. Na Hanseníase, o estigma está relacionado às questões relativas ao corpo, a imagem, pois se sabe que a enfermidade traz consigo desde simples lesões e manchas na pele a comprometimento de membros e deformidades. A presença próxima dos corpos sadios provavelmente reforçará a revisão entre auto exigências e ego, ou, dito de outra forma, o auto ódio, para consigo e com os outros, é o que nos mostra a fala da Sra. K:

Com vinte e poucos anos eu já estava derrotada física e espiritualmente. Passei a me odiar e odiar as pessoas ao meu redor, é certo que essas pessoas não tinham culpa da minha sina, mas sabe como é, um infeliz não quer ser infeliz sozinho e não há nada mais confortante do que culpar os outros pela sua desgraça e eu não sou assim tão diferente das pessoas.

Essa auto depreciação pode ocorrer quando somente a mulher hanseniana e um espelho estão frente a frente. A metáfora da Sra. K personifica fidedignamente esse auto reconhecimento: “É no nosso caso a coisa é ainda pior, já que tínhamos que ficar confinados em um lugar onde pra qualquer lugar onde olhássemos víamos sempre a nós mesmos. ”

O corpo da mulher marcado pela doença com qualquer incapacidade visível compreende um universo subjetivo que pode causar danos na maneira desta mulher refletir sua autoimagem, implicando no cuidado de si e no modo de relacionar-se com o mundo. Essas alterações corporais pela hanseníase situam-se como um construto biológico, histórico, social e cultural, produzindo múltiplas formas em tempos e lugares diferentes e, portanto, fonte de milhares de significações e representações no imaginário social feminino que podem implicar no cuidado de si mesmo. Em face disso, a justificativa para esta nova investida se

ampara no fato do corpo ser o sistema simbólico, para o qual a cultura serve de moldura determinando as diferenças que constituirão as identidades das pessoas de acordo com suas concepções de mundo e do meio social ao qual se inserem. Sendo o corpo um importante referencial para a estruturação da identidade pessoal e subjetiva, o inter-relacionamento pessoal é influenciado pelas imagens e representações mentais dos sujeitos acerca uns dos outros, que podem facilitar uma aproximação ou, pelo contrário, conduzir a um afastamento, nos casos da imagem formada não ser compatível com o que, para eles, é visto como aceitável.

As mulheres, em particular, tendem a ser identificadas em termos da sua aparência física, uma vez que, na atualidade, esta é vista como um determinante de autovalorização marcante para o gênero feminino. Porém, o conceito de autoimagem não se constitui apenas com base nas evidências morfológicas do próprio corpo, mas também por fatores psicossociais e históricos. Assim, a mulher com o corpo alterado pela hanseníase se vê confrontada com uma realidade multifacetada, que a impele para uma nova aprendizagem, ou seja, uma nova condição feminina. Essa aceitação de sua nova imagem pode transformar-se em uma fonte de conflito pessoal. Sua capacidade para aceitar e adaptar-se a essas mudanças repercute diretamente em seu estado emocional, em sua qualidade de vida e em suas funções pessoais e familiares. É o que nos diz a Sra K: “Mas imagine o senhor, eu vivia bem em Belém, tinha tudo que me fazia feliz e de repente perder minha beleza na flor da idade por uma doença maldita que nem essa.”

Dessa forma, estudar as concepções de corpo da mulher com alterações causadas pela hanseníase requer a compreensão das representações sobre a doença e o significado da linguagem de seu novo corpo, bem como o reconhecimento de sua diferença, sem que esta seja percebida como um desvio capaz de estigmatizá-la e levá-la ao isolamento de si e dos outros.

O senhor sabe, quando a gente é jovem a gente quer ficar com jovens que nem a gente, mas isso não foi assim pra mim. Entende, eu queria ficar com as pessoas que eram novas que nem eu, mas eles não. Me evitavam, me olhavam como quem olha pra um bicho, ou pra uma coisa que não era como eles, sim eles, os sadios. Com o tempo eu aceitei minha sorte, não pense o senhor que foi fácil. Não foi não. Aí fui eu que passei a evitar eles, me esconder deles e passei a procurar os que eram como eu. Mas os que eram como eu, eu num via onde morava. Eles tavam tudo entocado no leprosário, e assim cheguei onde estou. Também não sei se tudo isso tá certo sabe, não sei mesmo. Só sei é que foi assim desde que eu fiquei assim, com esse corpo que o senhor tá vendo. Ai, Santo Deus, como seria bom se isso num fosse assim. Ninguém sabe o que é isso. Só nós, só nós mermo. (Sra. N)

Portanto, objetiva-se compreender as concepções das mulheres sobre o corpo feminino em uma situação singular de adoecimento, uma vez que as alterações provocadas por uma dada doença, no caso, a hanseníase, pode vir a mostrar que as experiências cotidianas das mulheres portadoras de tal enfermidade sobre o que o seu corpo revela (as alterações corporais objetivamente presentes) e o que esconde (concepções sobre o corpo - real e imaginado) e suas ações e reações diante do significado de terem esta doença podem, de uma certa forma, nos elucidar a ética da existência, no caso das mulheres hansenianas, a qual possibilita refletir sobre o sujeito em relação ao cuidado de si e sobre o discurso como o que recai na produção histórica da subjetividade, logo, sendo o sujeito um efeito de uma subjetividade histórica, o corpo passa a ser tomado como objeto que materializa discursos e reflete processos de constituição desse sujeito (a mulher hanseniana). Os conceitos que sustentam esta teoria aderem ao desenho do estudo uma vez que, na sua perspectiva epistemológica, considera a mulher hanseniana, sujeito desse estudo, como um ser criativo que elabora e reelabora o seu pensamento no cotidiano, sendo este um construto histórico e social do qual emergem representações no que tange à hanseníase.

Da mesma forma que o conceito de gênero, o de corpo também é socialmente concebido. Isto permite dizer que a análise das concepções na busca deste fenômeno de representações sociais que abarca a questão do corpo feminino oferece um dos vários caminhos de acesso para uma determinada sociedade e grupo social. A experiência do corpo é sempre modificada pela experiência da cultura, já que no corpo está simbolicamente gravada a estrutura social.

Estudos para além do biológico que desvelem as representações das mulheres sobre o seu corpo alterado e suas implicações no cuidado de si ressaltam a subjetividade que faz com que tais mulheres escolham, transformem e incorporem integralmente os cuidados que integram o conjunto de orientações dadas por aqueles que naquele hospital asilar detinham o saber médico. Essa arqueologia do saber, não estava ligada somente a um poder disciplinar, como também na gerência da vida do corpo daquela mulher, conforme o depoimento da Sra.H:

E outra coisa, os médicos daqui não davam folga pra gente não, era exame disso e daquilo, e não faltava pergunta se a gente já andava com home ou não, e quando eles achava alguma coisa diferente proibiam a gente disso e daquilo. Mas era isso né, acho que eles conheciam nosso corpo melhor que a gente.

Para decidir sobre o cuidado de si há necessidade da mulher com alterações corporais pela hanseníase entender o que se passa com elas, o que requer autoconhecimento e reflexão sobre a doença. Assim, a intersubjetividade necessária ao processo de autoconhecimento, auto-aceitação e cuidado de si, nem sempre eram devidamente absorvidos por essas mulheres:

Olha, acho que já nasci duente, não sei, num me lembro nunca de vê meu corpo sem essas mancha e esses dedo assim como o senhor pode vê. Num faço ideia senhor como peguei essa coisa, só sei que peguei. (Senhora D).

As concepções sobre o corpo feminino foram sendo construídas, baseadas em grandes linhas organizadoras dos discursos, para as quais se estabeleceu um corte entre o corpo do passado e o corpo do presente. Esta linha temporal não necessariamente toma como princípio o critério cronológico, mas sim, a delimitação dada pelo diagnóstico da enfermidade. Nesse sentido, transversal ao referencial da temporalidade, está o referencial biomédico, no qual estão os polos da saúde (o passado), mas não somente da saúde, como também das boas lembranças provenientes de um corpo livre desse estado patológico:

Nasci em Belém e vivi por lá até meus 15 anos, depois meus pais vieram pra Manaus e fiquei aqui na capital até meus 18 anos. Um dia meus pais estavam falando baixo pra eu não escutar. Lembro-me perfeitamente o dia em que me disseram que eu iria fazer uma visita pra um parente no Paricatuba. Estranhei, nunca tinha ouvido falar de qualquer parente nesse lugar. Sempre estudei, sempre fui interessada, fiz meu segundo grau e estava já com planos para uma graduação e foi aí que apareceu essa bendita viagem. Sabe, às vezes me sinto mal quando me lembro dessas coisas. Não estou dizendo que são lembranças ruins, mas justamente por serem boas é que sempre estarão lá no passado, só no passado. Sim namorei muito em Belém, eu vivia bem lá, tinha tudo que me fazia feliz, e de repente...(Sra. K).

Esse passado é aquilo que se tinha, o que se perdeu, e o presente é o da doença, aquilo que se está, o que se é, o que se tem (não o que se ganhou, pois a doença não é referida nos discursos pelo sentido da dádiva): “e de repente perder minha beleza na flor da idade por uma doença maldita que nem essa”. (Sra. K).

Na construção das concepções de corpo para as mulheres entrevistadas, há claramente esta delimitação entre o corpo de outrora e o corpo de hoje:

Não digo que nunca fui desejada sabe; nas ruas muito homem me xavecava, mas isso também era no tempo em que eu era viçosa, isso foi logo quando cheguei aqui, mas depois com o avanço da doença a gente perde muito da nossa beleza, num tem?. (Sra.H)

Não há nada que se compare como antes. Vejo hoje meu corpo como um corpo esquisito, estranho. Um corpo que parece que nem é meu, e, na verdade, não é meu mesmo. O senhor me entende? Eu sei parece estranho eu falar assim né, mas olha hoje com meus 78 anos eu me pareço com qualquer coisa menos eu. Dói muito se lembrar do meu corpo de 18 anos, eu sei, as pessoas dizem que envelhecer é ficar mais feio, mas mermo assim não pareço com as mulher de 70 anos sadia. É diferente. (Sra. MA).

Olha, eu peguei filho cedo sabe, eu tinha 14 anos naquele tempo. Depois que o menino saiu eu fiquei um pouco gorda sabe, mas depois eu dei uma descaída. E até aí tudo bem. Eu me olhava no espelho e me sentia bem mesmo. Com 19 anos começou aparecer umas manchas no meu corpo e aí começo meus problemas. E com o tempo o negócio piorou né. Aí como o senhor não sabe! Veio as dores, o engilhamento, os dedos, as juntas, o nariz, e outras coisas ruins. Hoje não me sinto bem não, minha saúde não foi mais a mesma, agora ando doente o tempo todo. Quando eu era sadia a vida era boa, mas isso é coisa que não volta mais. (Sra. Z)

Definida esta organização, as concepções foram sendo comunicadas a partir de temas que buscavam classificar os corpos, do passado e do presente, na busca de sentidos para o que vivenciam no adoecimento. A dimensão estética e funcional toma vulto e orienta as sensações de estranhamento, a formação da nova imagem, os novos sentidos e os cuidados de si.

Conforme podemos observar o belo, o feio, o doente, o grotesco, são adjetivos impostos à imagem do corpo e servem para classificar as pessoas na sociedade. Pode-se assevera também que esses adjetivos funcionam como elementos significativos na construção das representações do corpo. A partir destas representações definem-se grupos, categorias determinam-se, inclusive, ocupações de espaços sociais. Essas representações estão alicerçadas na dimensão das mudanças tanto no corpo físico como no afetivo, e isso implica nos significados que essas mulheres entrevistadas atribuem ao seu corpo. Dessa forma, a aplicação da análise desses discursos mostra que a beleza e a feiura aparecem concomitantemente numa classificação dicotômica entre o corpo saudável e o corpo patológico. Ambas as classificações emergem como polos antagônicos e bem delimitados, sem muitas possibilidades de intercâmbio entre eles.

Bom, senhor, eu nasci em Belém e vim pra cá já doente. Não sei se tem caso como o meu, mas peguei mesmo a doença com 25 anos. Eu digo isso porque as pessoas que eu falo me dizem que pegaram mais cedo que eu. Mas eu acho que foi o começo da doença, começou com machas e uns caroços, dores nos seios, não sei bem se isso faz parte da coisa, mas a verdade é que num teve jeito pra mim depois que fiquei doente. Sim, sinto muito falta dos bons tempo. Eu sempre fui bonita, pelo menos é o que as pessoa falavam né. Não quero me gaba, mas eu era a mais bonita. Pro senhor ter uma ideia, os garotos lá do meu bairro viviam querendo namorar comigo e com as minhas irmãs eles não se encabulava muito não. Uma vez já com algumas manchas

no corpo, um pouco antes dos 25 sabe. Olha essa idade eu não me esqueço mermo, é que ela marcou muito pra mim, foi quando eu comecei a mudar de corpo. Então tinha um rapaz que sempre ficava atrás de mim e dei uma chance pra ele, e foi aí que senti a primeira vergonha da minha vida, ele notou que meu dedo mindinho ficava em cima do outro dedo. Eu já sabia disso né, mas nunca ninguém tinha caçoadado de mim por isso e foi aí que notei que minhas irmã não tinha esse defeito. Até hoje não sei se isso faz parte da lepra, mas sei que foi a partir desse dia que comecei a olha mais meu corpo e descobri que nunca mais meu corpo seria o mermo. E quando a doença ficou dona do meu corpo eu comecei a fica com vergonha dele. Ainda tenho. É claro que hoje não sou mais nova, mas não importa né, o bom seria se a gente fosse como as outras. (Sra.AK)

Há, no entanto, o que se pode chamar de dimensão funcional do corpo, ou seja, aquelas ações que estão intimamente ligadas ao cotidiano dessas mulheres. Essa dimensão funcional alia-se à estética do corpo em relação estreita entre o corpo saudável e bonito e que tem seu lugar recôndito na memória dessas mulheres entrevistadas e o corpo transformado em algo repulsivo e fora dos padrões da imagem do seu passado e que altera sua sociabilidade no presente.

O tempo dessas mulheres sequeladas, corre de uma maneira não cronológica, e a linha que divide o presente e o passado é muito tênue, pois o passado começa a existir no momento em que a doença se faz presente em sua existência, ou como a Sra. Ak enunciou “quando a doença ficou dona do meu corpo”. Criança, adolescente ou adulta, não importa qual dessas fases a doença se manifesta, pois, ela passa a ser um divisor de águas nos corpos dessas mulheres.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Objetivei analisar alguns aspectos que se repetem nas falas das dez mulheres entrevistadas que passaram a maior parte de sua existência segregada em um hospital asilar, no caso a Colônia Antônio Aleixo. Esses aspectos foram abordados levando em consideração a posição da mulher hanseniana enquanto casada, em sua condição materna, e a imagem de si numa relação dicotômica entre o corpo sadio e o corpo patológico. Com relação ao papel da mulher no casamento, sua posição está estritamente associada a que Foucault comentou em seu livro *Uso dos Prazeres* (1984), a fórmula *Contra Nera* atribuído a Demóstenes no qual formula uma espécie de aforismo em que: “As cortesãs, nós a temos para o prazer; as concubinas, para os cuidados de todo o dia; as esposas para terem uma descendência legítima e uma fiel guardiã do lar.”

O excerto acima corrobora com a maior parte dos enunciados apresentados, pelas hansenianas entrevistadas onde consta que, em geral, seus maridos estão mais propensos às mulheres dissolutas quando se trata de buscar o prazer, ao passo que elas, as esposas, se submetem ao bel prazer de seus cônjuges. Em todas as hansenianas evidencia-se um silêncio, um silêncio que, assim como elas, é relegado a uma posição secundária. Um silêncio revestido de sentidos, pois observando o modo de construção do imaginário dessas mulheres, nota-se que o não dito se materializa através da tentativa de formar uma família, no prolongamento de sua geração através da sua prole.

Tive dois filhos sabe, filhos que foram tirado de mim ainda no berço. Num sei o que foi feito deles, mas espero que eles estejam bem. Eles são meus. Saíram de mim e têm meu sangue, mermo que ninguém diga pra eles quem foi a mãe deles. Não vão leva meu nome, eu sei, mas vão levar sempre meu sangue. (Fala da Sra.H).

A posição-sujeito que nelas está sendo construída é a mulher subjugada, sem voz, com o seu papel de doméstica em que o prazer lhe é negado, presa a uma situação estritamente monogâmica onde a mulher hanseniana é proibida de buscar o prazer em sua relação conjugal já que o objetivo das relações sexuais traçado pelas normas disciplinares da já citada instituição asilar, não estava na voluptuosidade, mas veementemente centrada na satisfação e bem estar do seu cônjuge, pois mesmo a procriação era relegada a uma espécie de segundo plano tendo em vista as políticas públicas sobre o higienismo da época.

Antes da doença, meu pai vivia me dizendo que quando eu já tivesse mocinha, eu tinha logo que cuida de arruma um bom partido, cuidar bem do marido e pari uma penca de filho (risos). O velho num ia gosta muito de saber que só dei uma cria, mas casei e até agora o homi num tem que se queixa nem da casa e nem da saliência (risos).

Um outro traço profundamente marcante na fala dessas mulheres é o jogo discursivo entre o normal e o anormal. Diversas vezes em seus depoimentos, elas fazem alusões ao corpo das mulheres “sadias” deixando entrever um discurso médico ideologicamente atravessado em seus enunciados.

Ele num queria nem saber se meu corpo era deformado, vinha pra cima com tudo...o senhor tá vendo que num tenho uma perna. Fui sempre chamada de acamada, mas nem por isso os homi num me queria...olha eu recebia mais xaveco que muita muier sadia. (Fala da Sra.D).

As marcas discursivas: “deformado”, “acamada” e “sadia”, demonstram, dessa forma, como as noções de normal e patológico, reguladas por uma formação medico-discursiva, levam o sujeito a aceitar docilmente os rótulos normatizadamente impostos por aquele aparelho ideológico do Estado, ou seja, o hospital colônia.

De acordo com Foucault (1998) em seu *Uso dos Prazeres*, o casamento, de acordo com o pensamento grego, não o liga sexualmente a mulher, nenhuma outra relação sexual lhe é proibida em consequência do vínculo matrimonial. Ainda que inconscientemente, os enunciados das mulheres hansenianas além de corroborar, de uma certa forma, com semelhante pensamento, apresentam uma certa permissividade de relações extra conjugais, pelo fato de não poderem satisfazer seus cônjuges, mostrando, dessa forma, que a hanseníase é um fator desencadeante na sexualidade dessas mulheres. Assim podemos entrever essas marcas discursivas na fala da Sra. G:

Os homis são terrivi. Minha mãe falava muito desse meu macho que ele só quer o que é meu...que ficou comigo por causa das minha coisa...eu sei que até pode ser sabe, mas a gente precisa de alguém na vida. É melhor ele fica aqui comigo quando preciso ele tá sempre...ele deve ter lá mulher, sadia ou doente, ele precisa né, mas eu é que sou a mulhe da casa né, e sei que não faço mais saliência...eu num faço mais, como disse, o meu bicho doi muito. Então prefiro ele aqui do que fica cum enfermeira que nem sempre cuida bem da gente né.

Em vontade de Saber (1988), Foucault procura, não somente no sexo, como também na confissão a verdade sobre o ser, ele assevera que o sujeito que fala coincide com o sujeito do enunciado. Algumas das mulheres entrevistadas se assemelharam a esse sujeito enunciativo, como é o caso do depoimento da Sra.H:

Chegando aqui foi uma coisa que não tinha visto antes. Muita gente aleijada. Gente sem perna, outros sem os dedos e braços, com o nariz totalmente carcomido, eu olhei pro meu irmão e disse a ele que essa gente era exatamente como nós seríamos no futuro e como o senhor pode ver agora eu não estava enganada, não é mesmo?

Foucault em seu livro *O Cuidado de Si* (1988) analisa, a problematização dos elementos do meio e das circunstâncias em que se vive à medida que estes apresentam efeitos positivos ou negativos para o corpo, e, conseqüentemente para a saúde, apresenta essa problematização tanto como intervenção, como corpus de saber e de regras. Essas técnicas de intervenção e essa produção do saber se amalgamam nos enunciados proferidos por algumas dessas mulheres hansenianas:

E outra coisa, os médicos daqui não davam folga pra gente não, era exame disso e daquilo, e não faltava pergunta se a gente já andava com home ou não, e quando eles achavam alguma coisa diferente proibiam a gente disso e daquilo. Mas era isso né, acho que eles conheciam nosso corpo melhor que a gente.

À guisa de conclusão, esse intuito de analisar alguns aspectos da sexualidade da mulher hanseniana baseado em seus depoimentos, evidenciaram que essas mulheres passaram a maior parte de suas vidas, de maneira compulsória, dentro de uma instituição asilar. O casamento e a maternidade foram essas as posições de sujeito por elas desempenhadas, mulheres que tentaram erigir uma família em meio aos limites imposto por uma instituição. As normas institucionais parecem ter sido a origem e o limite de suas existências. Essas normas, de alguma forma, tiveram o intuito de desumanizar essas mulheres tirando-lhes sua individualidade e seus aspectos criativos, no entanto, mesmo sobre uma pressão disciplinar, elas não perderam sua personalidade, sua compaixão e sensibilidade para com os outros. Ao se reconstruírem por meio de seus relatos, voltaram-se para suas próprias trajetórias, encontrando nelas uma alternativa de escape às normas e sujeições. A capilaridade do discurso asilar se mistura às narrativas das senhoras em suas falas nas quais suas vontades se coadunam, de certa maneira, com as determinações institucionais. Portanto o casamento e a

maternidade, posições de sujeito ocupadas por elas, são temas recorrentes que perpassam as diferentes falas femininas, falas essas que personificam imagens, máscaras que segundo Foucault tentam revestir as incertezas e incoerências do dia-a-dia dessas mulheres, através de técnica de subjetivação, produzindo modos de existência e estilos de vida.

## REFERÊNCIAS

- ANDRADE, Vera Lúcia Gomes de. **Evolução da Hanseníase no Brasil e Perspectivas para sua Eliminação como um Problema de Saúde Pública**. 1996, 181f, Tese (Doutorado em Saúde Pública). Escola Nacional de Saúde Pública da Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro. 1996.
- BÍBLIA DE JERUSALÉM. Edições Paulinas. São Paulo, 5ª ed. 1981.
- BRASIL. Conselho Federal de Medicina. **Código de Ética Médica** - Resolução CFM nº 1.246/88, de 08.01.89.
- CLARO, Lenita B. **Hanseníase: Representações Sobre a Doença**. 1993. Escola Nacional de Saúde Pública. RJ, 1993.
- CUNHA, A.Z.S. Hanseníase: **aspectos da evolução do diagnóstico, tratamento e controle**. *Ciência & Saúde Coletiva*, 7(2):235-242, 2002.
- D'HAUCOURT, G. **A vida na Idade Média**. Martins Fontes, São Paulo 1994.
- DUCROT, Oswald. **O Dizer e o Dito**. Campinas, SP: Pontes, 1987.
- EAGLETON, Terry. **Teoria da Literatura: uma introdução**. São Paulo: Martins Fontes 6ª ed. 2006.
- FOUCAULT, Michel. **A Ordem do Discurso**. São Paulo: Edições Loyola 5ª ed. 1996.
- FOUCAULT, Michel. **A Verdade e as Formas Jurídicas**. Rio de Janeiro: Nau, 4ª ed. 2013.
- FOUCAULT, Michel. **Arqueologia do Poder**. Rio de Janeiro: Forence Universitária 8º ed. 2012
- FOUCAULT, Michel. **História da Loucura**. São Paulo: Perspectiva 8º ed. 2009.
- FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade 1: o uso dos prazeres**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988.
- FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder**. São Paulo: Graal, 25º ed. 2012.
- FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder**. São Paulo: Paz & Terra, 28º ed. 2014.
- FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir: história das violências na prisão**. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 35ª ed. 2008.
- FRAYSE-PEREIRA, João. **O Que é Loucura? Primeiros passos**. São Paulo: Editora Brasiliense, 3º edição 1984.
- FREIRE, Augusto Sérgio. **Conhecendo Análise do Discurso – Linguagem, Sociedade e Ideologia**. Manaus: Editora Valer, 2006.
- GARMUS, Ludivico. **Bíblia Sagrada**. 4 ed. Petrópolis: Vozes, 1983, 1563p.

MALDIDIER, Denise. **A Inquietude do Discurso: um trajeto na história da análise do discurso**. São Paulo: contexto, 1996.

MAURANO, Flávio. **Tratado de Leprologia. História da Lepra no Brasil e sua distribuição geográfica**. v.1, 2ª edição. Rio de Janeiro: Serviço Nacional de Lepra/Ministério da Educação e Saúde, 1950, 381p.

MONTEIRO, Yara Nogueira. **Hanseníase: História e poder no Estado de São Paulo. Hansenologia Internacional**. São Paulo, v.12, n.1, 1987.

MUSSALIM, Fernanda. **Introdução à Linguística, V.2: domínios e fronteiras**. São Paulo: Cortez, 4ª ed. 2009.

NEVES, Luiz Felipe baeta (org.). **Estruturalismo e Teoria da Linguagem**. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 1971.

ORLANDI, Eni. **Análise do Discurso: princípios & procedimentos**. Campinas: Pontes, 1999.

PÊCHEUX, Michel. **Artigo Língua, Linguagem e Discurso**. Jornal Humanidade na edição de 15 de outubro de 1971.

PÊCHEUX, Michel. **Semântica e Discurso: uma crítica à afirmação do óbvio**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 5ª ed. 2014.

PENNINI, Silmara Navarro. Hanseníase no Estado do Amazonas. In. **Espaço e doença: um olhar sobre o Amazonas**. ROJAS, Luisa Basília Iñiguez; TOLEDO, Luciano Medeiros (Org). Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 1998.p.II.5.1-5.7.

SOUZA-ARAÚJO, Heraclides César de. **Contribuição à epidemiologia e profilaxia da lepra no Norte do Brasil. Memórias do Instituto Oswaldo Cruz**, Rio de Janeiro, 1933.

TALHARI, Sinésio *et alii*. Hanseníase no estado do Amazonas – Histórico e desativação do leprosário. Temas de atualização. **An bras Dermatol**, Rio de Janeiro, v.56, n.3, p.179-184, 1981.

TADEU, Tomaz. (Org.) **O Panóptico/Jeremy Bentham**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2ª ed. 2008.

TAVARES, Tomázia. **Antônio Aleixo: Leprosário**. Manaus: Edição do autor. 2011.

## APÊNDICE - ENTREVISTAS DAS MULHERES HANSENIANAS

### SENHORA M (MADALENA)

Nasci no dia 04 de abril de 1948 (69 anos). Cheguei na Colônia, acho que já tinha 17 anos, ainda lisinha. A doença se manifestou quando tinha uns 15 anos. Num sei como é isso, di repente a gente já tá num sentindo bem o corpo.

Namorei muito antes da doença, depois fiquei marcada e aí os garoto sumiram.

Sim, cheguei virgem aqui...virginha (risos). Os encontro aqui eram difícil, e não era muito fácil o namoro. A gente passava a maior parte do tempo fazendo alguma coisa e não se sabe como, mas todo mundo sabia de todo mundo. Sei lá, parece que sempre tinha alguém vigiando o que a gente fazia.

Casei já bem passada sabe. Num tive muita sorte no amor quando era nova. Também tinha sempre o medo de ser trocada pelas sadias sabe. Pode parecer que não, sabe senhor, mas acontece as vezes os home doente deixar a gente pra procurar as sadia. É horrível, mas vê o senhor quem gosta de mulhe como nós. Penso as veze que eles fica com a gente só por necessidade.

A gente fala muito de muita coisa, mas a gente não fala essas coisa de sexo, eles num gosta não, e depois pra que né, nada muda mermo. A gente aguenta é muito abuso isso sim. O diabo é terminar a vida sozinha, ai isso é ruim. A gente vevi. Meu marido nunca me pergunta como eu tô. Uma vida dedicada a união. Num sei, a gente senti tanta coisa e fala pouco.

Tive dois filho. Um ficou aqui por um tempo e depois sumiu. O outro, o mais velho, dei bem cedo, num tinha nem um ano. Esse nunca mais vi na vida. É triste pra mim num ter noticia dos dois, mas o que mais dói é sabe que num temos muito pra oferecer, Digo isso por causa do mais novo que ficou comigo até uns 20 anos e depois se foi. Deus que me perdoi, mas parece que quando eu num tinha mais serventia pra ele, ele se foi. Isso dói muito sabe (choro) dói muito mesmo. Mas pior é gente que nem teve a sorte de vê seus fios. Me desespero ao ver essas criança nascer e tomare rumo que nem pra onde. Elas são arrancada das mãe contra a vontade delas no momento que nasce. Ai! Tão horrivi que a gente num sabe nem como falar isso.

A vida, num sei bem dizer senhor, a vida a gente leva assim como Deus quer. Se me perguntar porque essa doença em mim, num sei o que dizer...mas diz por aí que cada um da gente tem um plano né, então é assim.

### **SENHORA DC (DO CARMO) (77 ANOS)**

Ai, ai, ai...lá vem o senhor com esse negócio de sexo, de homi (risos). O diabo desses homi nu vale nada, mas o caso é que a gente vevi mal sem esses traste.

Já tive um bom bocado desses trate rondando minha vida. Fiz até muita besteira com a cabeça virada de homi...veja só o senhor e mesmo depois de velha num enjojo é cum nojo (risos). Cheguei na colônia junto com meu irmão em 1960, com 20 anos eu acho. Como a gente mulhe era pouco, aí o senhor já viu né, era um deus nos acuda atrás da gente. Num fiquei muito tempo pela colônia não sabe, muito cheio de coisa, muita gente cheia de nove hora. A gente era muito presa. Fui logo pro lago do Aleixo, lá a coisa corria mais solta e a gente se sentia mais livre.

Eu deixei de ser moça aos treze ano, mas confesso pro senhor que já era danada antes (risos). Eu ainda era sadia e num tinha muito problema. Nesse tempo, antes dos vinte, namorava muito nesse tempo e nunca podia imaginar que um dia eu ia ficar assim doente né. Tive uns homi, mas casar que é bom nada. Sabe, casar no papel né, nunca mesmo. Lá no lago do Aleixo me juntei com meu homi, mas Deus levou ele dois anos depois.

Eu num sei não. Vejo muito homi doente com mulher sadia. Eu já tive homi sadio, mas no tempo que eu era sadia sabe. Depois que fiquei doente nunca mais sube o que é homi sadio (risos). A gente tem amigos e muito, mas homi sadio pra casa com mulhe doente, olha num sei não, mas acho difícil sabe.

Eu tenho medo de fica com homi sadio. Medo assim, de ele quere só se aproveita de mim e depois vai embora. O senhô sabe né, já tenho casa, recebo minha aposentadoria e tem também a complimentação...sei lá tem tanta coisa acontecendo né. Sei não, num mi arrisco muito sabe. Depois já to velha né, num penso muito nisso, mas sei que vivê sozinha é ruim.

Olha, aqui na colônia agora tá bom. A gente tem o que precisa né, posto de saúde, banco, drogaria e tem até loteria agora. A gente perdeu o correio por causa da malandragem. Muito robu né...mas é isso, já vivi muito ruim, hoje to bem. Deus é pai.

## SENHORA K (KAMÉLIA) (78 ANOS)

Nasci em Belém e vivi por lá até meus 15 anos, depois meus pais vieram pra Manaus e fiquei aqui na capital até meus 18 anos. Um dia meus pais estavam falando baixo pra eu não escutar. Lembro-me perfeitamente o dia em que me disseram que eu iria fazer uma visita pra um parente no Paricatuba. Estranhei, nunca tinha ouvido falar de qualquer parente nesse lugar. Sempre estudei, sempre fui interessada, fiz meu segundo grau e estava já com planos para uma graduação e foi aí que apareceu essa bendita viagem. Sabe, às vezes me sinto mal quando me lembro dessas coisas. Não estou dizendo que são lembranças ruins, mas justamente por serem boas é que sempre estarão lá no passado, só no passado.

Sim, namorei muito em Belém, morava na capital mesmo. O senhor já foi a Belém? Não. Deveria ir. É um lugar lindo. Sim namorei muito lá e para a sua próxima pergunta, sim perdi a virgindade lá também. Graças a Deus, pois odiaria ter perdido com um leproso qualquer. O senhor deve estar estranhando me ouvir falar assim. Eu sei. Mas imagine o senhor, eu vivia bem em Belém, tinha tudo que me fazia feliz e de repente perder minha beleza na flor da idade por uma doença maldita que nem essa. Assim, eu creio que é a mesma coisa que ficar cego a partir dos 20 anos de idade, ou sofrer uma acidente qualquer e perder uma perna, ou um braço. Não senhor, não há coisa pior que se tornar um leproso, pois além de lhe comer o corpo, de uma certa forma, a gente perde a identidade. Quando completei vinte e poucos anos, não conseguia me olhar no espelho; não conseguia aceitar que uma outra garota da minha mesma idade tivesse um destino muito melhor que o meu...não, odiei ter me tornado hanseniana...(leprosa...(risos e choro)...era o que eu desejei falar). Espero que o senhor não me julgue. O senhor me entende não é mesmo...eu sei que sim...aqui quando se é leproso se julga ser especial, ter direitos sobre os sadios...que besteira...eu desejaria ser a mais infeliz de todas as mulheres contanto que fosse sadia. Alguns de nós ver no fato de ser assim uma dádiva divina, um tipo de ser especial que um dia será redimido pela Providência pelos anos de suplício condenada a esse corpo, pois eu lhe digo senhor, tudo isso é uma grande soberba inútil, nada irá compensar os anos de sofrimento de humilhação, de falta de humanidade a qual nos foi imposta durante essa nossa existência. Essa gente toda aceita essa grande chaga com uma certa resignação que sinceramente me faz sentir náusea. Já leu o livro? O senhor deve estar se perguntando agora como pode uma leprosa já ter lido Sartre, não é mesmo? Eu estudei, fui bem instruída, já tive meus dias de glória senhor. Agora leio um livro aqui e ali,

quando a vista permite sabe. Não é que não goste mais de ler, é que isso me faz lembrar a vida que eu tinha em Belém sabe, e, de uma certa forma, isso me incomoda muito, o bastante pra lamentar a vida de hoje.

Com vinte e poucos anos eu já estava derrotada física e espiritualmente. Passei a me odiar e odiar as pessoas ao meu redor, é certo que essas pessoas não tinham culpa da minha sina, mas sabe como é, um infeliz não quer ser infeliz sozinho e não há nada mais confortante do que culpar os outros pela sua desgraça e eu não sou assim tão diferente das pessoas.

A gente aprende a viver num mundo cão, alguns levam mais tempo que outros, mas aprende. No Paricatuba, meu carrasco, meu pai, sim meu próprio pai me levou e me entregou pra um homem hanseniano. A maneira que ele me olhava, dava pra saber que se eu não me cuidasse eu seria o prato do dia dele. Odiei meu pai e minha mãe por isso. Eles tinham dinheiro, poderiam procurar outra alternativa. O senhor sabe que o dinheiro muitas vezes opera alguns milagrezinhos, mas no meu caso creio que o Santo Dinheiro não contava de muito prestígio com Deus e aí ficou mesmo naquele adágio que diz que santo de casa não faz milagres né. E não fez mesmo. Me largaram lá e sumiram. Foi mais fácil pra eles, assim penso. É sempre mais fácil desistir das pessoas, não é mesmo. Bom, a doença ainda não tinha tomado grandes proporções de modo que eu ainda enchia os olhos dos homens e é claro, aí passei a tomar partido disso e encontrei o homem que seria meu futuro marido. Ele tinha algumas posses e é claro que era muito mais velho que eu, mas o que fazer, sozinha, entre estranhos, não tive muita escolha, tive que procurar proteção e conforto. Fiquei lá no Paricatuba por quase um ano e meio. Lugar insuportável. Depois fiz a cabeça do marido pra vir pra Manaus. Pensei em morar em lugar melhor, mas a doença, nesse caso, foi mais forte que o dinheiro, tivemos que vir pra Colônia, o que fez crescer mais meu ódio pela minha condição. Depois com o tempo, a gente vai envelhecendo e vai tomando consciência de certas coisas e foi então que percebi que por mais que tivesse algum dinheiro meu lugar era aqui mesmo na Colônia, lá fora eu sempre seria uma simples leprosa, nada mais que isso. Aqui, apesar do meu jeito, da minha rabugice, consegui fazer algumas amigas, doentes que nem eu e depois com alguns sadios. Meu marido morreu cedo. Fiquei casada com ele uns 7 anos. A saúde dele nunca foi muito boa, creio que de nenhum doente. Viúva e com posses agora, uma casa grande e bonita, um comércio médio, pensão, depois complementação, passei a ser alvo dos mais espertos e principalmente dos homens doentes e sadios que não tinha onde cair vivo, pois morto cai em qualquer lugar. Foi um Deus nos acuda, passei a receber tiros de todos os

lados. Os doentes eu não queria, de corpo engelhado e de restos de dedos já bastavam os meus, mas por outro lado, os sadios também não valiam nada, de olho no que eu tenho era só esperar eu bater as botas ou arranjar um jeito de acelerar a coisa.

Eu passei a sair com um sadio, ele até era legal, mas toda a vez que eu tirava a roupa eu percebia uma respiração forçada, uma pressa pra terminar o trabalho e o prazer ficava relegado a obrigação da presença. Não, não suportei ser um simples depósito de esperma. Terminei com uma mágoa no coração e me lembrando do tempo em que eu era desejada. Nossa, é ao mesmo tempo odioso e prazeroso lembrar de um passado tão distante e que infelizmente jamais será como era.

Se meu marido me desejava? Sim, com certeza, como disse quando fiquei com ele ainda contava com um corpo bonito, é claro que a doença já se manifestara, mas ainda era bonita. Sim ele me desejou, via uma certa tara nos olhos deles, louco pra me devorar, mas aí nesse caso, era eu que nada sentia por ele, era eu que prendia a respiração e torcia que ele chegasse logo ao orgasmo e com isso me ver livre daquela obrigação momentânea. É a vida senhor...paguei com a mesma moeda.

Filhos? Não mesmo. Quando era mais nova até pensei, mas depois da doença eu sentia medo que meu filho nascesse leproso, Ah não, eu já estava comendo o pão que o diabo amassou, não queria ir mais longe com essa desgraça, e depois, imagine o senhor, ser mãe e quem sabe ter que ver meu filho ou filha ser tirada de mim e mandada sei lá pra onde e ainda por cima ter que me lembrar sempre de que, diferente de mim que fui abandonada por meus pais, (choro), seria uma mãe interrompida. Não, isso seria um tipo de sina, de desgraça ainda mais insuportável.

Minha relação no casamento era uma coisa muito por obrigação. Meu marido não era homem de conversar muito comigo, e nem eu com ele. No começo era até interessante, como ele queria me convencer a ficar com ele, ele era falante, cheio de brincadeiras e cheio de trejeitos e os homens, o senhor sabe muito bem, fazem de tudo pra conquistar o que querem e depois de conseguir o prêmio, começam a ficar desinteressados, e além do mais o que é o casamento além de um crescente desinteresse mútuo. O senhor é casado não é, deve muito bem saber o que é isso, e no nosso caso a coisa é ainda pior, já que tínhamos que ficar confinados em um lugar onde pra qualquer lugar onde olhássemos víamos sempre a nós mesmos.

Olha só o senhor...não está indo além dos limites? Não... (risos)... Aposto que as outras mulheres que o senhor entrevistou não comentou isso... É muito pessoal, mas como gostei do senhor vou responder... Sim me masturbei muito e principalmente no início da minha convivência com meu marido... O senhor entendeu não é... Não era o que queria, não era o que eu desejava... Nossa nós mulheres hansenianas temos desejos, desejamos homens bonitos, lindos... Diga-me quem é que gosta do feio, do horrível, do grotesco? Somos mulheres, a doença é apenas um aspecto exterior, mas somos no íntimo, mulheres como qualquer mulher... Os homens, a maioria não entende isso... Nossa!... É horrível! Tenho vontade de abrir a porta e gritar... NÓS SOMOS HUMANAS! Desculpe-me, (choro)... Acho que exagerei não é mesmo?

Sabe, a maioria do tempo fico aqui trancada nessa casa. Recebo pouca visita. Alguém tinha me dito que o senhor queria falar com alguém que viveu aqui um longo tempo e resolvi aceitar sua visita... O senhor é professor, isso me fez aceitar a visita... O senhor deve ler não é mesmo... Traga um bom livro pra mim, como disse gosto de ler, ainda leio, não muito bem, como disse antes, mas leio... Aqui deveriam incentivar a leitura entre nós hansenianos. Ai essa gente deveria parar de ir ao centro para mendigar, é para isso que recebemos aposentadoria e complementação. Pra concluir sua pergunta, me senti desejada por meu marido no começo da relação, depois a coisa desandou, creio que ele pudesse ter uma amante, uma lisinha, que nem eu era em minha saudosa juventude, mas nunca fiquei sabendo, no entanto, não me surpreenderia se acaso alguma coisa viesse à tona. Se entre vocês sadios isso é uma prática comum, com nós doentes com certeza não é diferente.

Bom, é isso. Espero que o senhor me traga um livro.

### **SENHORA D (DINORÁ) (85 anos)**

Eu sou filha de Paricatuba. Mas cheguei na Colônia bem criança. Minha mãe da Colônia que me disse que sou de Paricatuba. Lá o leprosário de Paricatuba, dizem, num sei, mas que é mais antigo que aqui. Aqui a coisa já foi ruim. Vi muito nego e nega morre, sabe senhor, mas eu tive sorte ainda vivinha da silva né (risos).

Olha, acho que já nasci duente, num me lembro nunca de vê meu corpo sem essas mancha e esses dedo assim como o senhor pode vê. Num faço ideia senhor como peguei essa coisa, só sei que peguei.

A gente sempre no começo tinha auxílio do governo sabe, mas depois o Governo parou de ajudar um tempo, e aí a coisa piorou, faltava comida e remédio e senhor sabe né, Deus sabe que tipo de remédio davam pra gente. Aqueles troço nunca fez bem pra gente e muita gente morreu tomando esses troço.

Casei sim senhor, e tive três marido. O primeiro era um bom homi. Me pegou bem novinha, tinha uns 17 ano, e já tinha só essa perna, mas olha, só entre nós, num casei virgi não (risos)...sabe como é né senhor, lugar que tem muito home e pouca muiér a coisa pega né (risos). Mas olha, esse primeiro homi era bom como disse...mas a doença nem sempre deixa a gente a vontade pro sexo né, eu tinha vergonha do meu corpo e gentia algumas dore no bixo às veze e nem sempre dava né...mas olha o segundo homi era danado pra dedeu (risos) o home num queria me larga um segundo (risos).

Sim esse segundo aí, o Moraes, me desejava sim. O homi queria fazer toda hora e em qualquer luga sabia. Vixi, ah homi danado. Ele num queria nem sabe do meu corpo cheio de chagas, vinha pra cima com tudo, sabe senhor. O senhor tá vendo que num tenho uma perna. Fui sempre chamada de acamada, mas nem por isso os homis num me queria...olha, eu recebia mais chaveco que muita muiér sadia e muiér duente não acamada. Perdi a perna num acidente de barco a palheta torou minha perna. Homi na hora foi uma dor dos diabos e até pensei que ia morrer e eu tinha uns 13 anos na época. Fiquei no Geraldo da Rocha e dispois fui pra casa de minha mãe. E dispois de um tempo já tava encangada cum homi...menino eu num era moli não (risos). Eu num tenho esse pobrema de dizer que fui infeliz por causa dessa doença. Sim tive momento ruim, mas quem num tem né. Mas sempre tive alguém por perto. Também nunca conheci meus pai...como é que se diz quando alguém tem a gente...sei lá pais de cama...o senhor sabe o que eu quero dize né. Então, mesmo de muleta e às veze de cadeira de roda, os homi sempre forum arretado pro meu lado e eu era mais ainda (risos). Eu tive sorte sabe, minha mãe nunca me largou, eu era que largava ela de vez em vez por causa dos macho (risos), e quando terminava eu ia lá fica cum ela e ela dizia “muie larga mão desses traste, eles só querem usa o teu bicho.” (risos). É verdade, e eles usava bem que dava gosto de vê.

Eu tive um filho e pra nunca mais. Arre!! O diabo do dottor num quis me opera sabe, e tive na tora mermo. Era pra eu ir pra faca, mas o diabo do dottor num quis mermo e só deu pro meu. O filho quis Deus num te nascido duente. Dispois que ficou grande tomou gosto da rua e nunca mais voltou. Acho que ele sentia vergonha da mãe alejada e hanseniana né...bom é ruim né, mas vai faze o que né...Ah sim, o último marido. Sim digo último, mas nunca se sabe né

(risos)...esse é sádio...a gente num faz mais por causa das minha dor no meu bicho...essa dor eu nunca curei...também quase num vo ao médico sabe e nunca gostei de ir ao médico, os homis são terrivi. Minha mãe fala muito desse meu macho que ele só que o que é meu...que ficou comigo por causa das minha coisa...eu sei que até pode ser sabe, mas a gente precisa de alguém na vida. É melhor ele fica aqui comigo quando preciso ele tá sempre...ele deve ter lá suas sadia, ele precisa né, eu num faço mais, como disse, o meu bicho doi muito. Então prefiro ele aqui do que fica cum enfermeira que nem sempre cuida bem da gente né.

### **SENHORA H (HELENA MOURA) ( 76 ANOS)**

Nasci em 27 de março de 1942. Sou filha de cearense. Meu pai sempre me disse que meu avô era filho da borracha e que conheceu bem esse lugar antes de mim. Não é engraçado que cheguei nesse lugar através da doença onde meu pai diz que meu avô conheceu...na verdade eu não gostaria de ter conhecido, e também vai que meu pai estava só querendo me encabular (risos). Digo isso não porque sou infeliz, muito pelo contrário, creio que se eu tivesse ficado com a minha família eu teria sofrido e muito.

Ah sim, as freiras, vieram sim e ficaram aqui por muito tempo. Muitas pessoas falam que as freiras foram ruins, eu não digo isso. Eu acho que elas foram muito boas, pelo menos pra mim foram boas mesmo. Não, não sei de onde eram essas freiras. Um dia a direção mudou e elas entraram aqui. É só isso que sei sobre elas. Mas fora isso, não tenho de que me queixar delas. Quando cheguei aqui as coisas eram bem desorganizadas e quando elas chegaram a coisa tomou forma mais decente. Cheguei aqui com meu irmão, ele era mais novo que eu. Eu tinha 18 e ele 15 e tanto eu quanto ele doentes. É claro que fiquei com muito medo quando isso apareceu...chorei muito, eu e ele, nossos pais não quiseram ficar com a gente, mesmo porque a tal da vigilância sanitária não deixava um doente sequer em paz e quando descobriam a gente tratavam logo de encaminha ou para o Paricatuba, que dizem ser mais antigo que a Colônia, ou mandavam a gente aqui pra Colônia. Nós não chegamos a ir pro Paricatuba, viemos logo pra cá e o senhor não se engane não, viemos contra nossa vontade. Creio que até meus pais não queriam, mas também entendo, como eles podiam ficar com a gente com todo mundo com medo de contrair essa doença. Creio que deve ter doido mais neles que em nós, mas como a gente era muito novo a gente não entendia o que se passava na cabeça deles e nem na nossa. Não teve choro que desse jeito, tivemos mesmo que vir pra cá.

Chegando aqui foi uma coisa que não tinha vista antes. Muita gente aleijada. Gente sem perna, outros sem os dedos e braços, com o nariz totalmente carcomido, eu olhei pro meu irmão e disse a ele que essa gente era exatamente como nós seríamos no futuro e como o senhor pode ver agora eu não estava enganada, não é mesmo? A adaptação aqui foi muito difícil. Veja bem o senhor, vivíamos com uma família saudável íamos a escola e de repente manchas no corpo, partes do corpo dormente...o resto o senhor já deve imaginar. Os primeiros dias da manifestação da doença foi horrível para mim e pro meu irmão, ficamos isolados num quarto e nem tiveram a preocupação de nos colocar em quartos separados, eu já era moça com, acho que com 14 ou 15 anos, tive que ficar sem roupa por várias vezes na frente do meu irmão já que não queriam nos colocar em quartos separados. Nossa, a gente às vezes desconhece com quem convivemos quando algo assim passa a fazer parte da nossa vida. Não digo que meus pais não nos amavam, mas confesso que esperava mais deles. É difícil fazer um julgamento dos sentimentos das pessoas, acho que só eles podem dizer o quanto isso foi difícil pra eles, mas no final ninguém quer ser descartado, por pior que as circunstâncias sejam. Ficamos, assim que nem criminosos escondidos num quarto pra ninguém saber que ali naquela residência moravam hansenianos, mas os comentários, a curiosidade das pessoas em saber porque os irmãos não saiam mais as ruas e porque tanto mistério em nossa volta, acabou que recebemos uma visita de um médico, as pessoas diziam que era um leprólogo, nem sei mesmo se é esse mesmo o nome da profissão, só sei que depois de alguns semanas, ou meses estávamos a caminho da Colônia Antônio Aleixo, mas naquela época, chamavam de Leprosário. Nossa, só o nome já me assustava. E foi assim que chegamos aqui.

Aqui a coisa logo no começo piorou, meu irmão foi pro pavilhão dos meninos e eu pro das meninas. Meu irmão chorou muito, não queria ficar longe de mim e nem eu dele. Ele era o único laço de família que eu tinha e a gente ia passar a noite separados. Depois com o tempo me acostumei a ver ele somente de dia, depois quase não via, a medida que nós crescíamos começamos a tomar destino diferente. Me arrumaram logo, segundo as freiras, um bom partido e quando me dei conta, já estava junta com um homem e depois casei, já tinha 20 anos ou mais, nem lembro direito (risos), e diziam que ainda casei velha (risos), pode uma coisa dessa?

A vida de casada era monótona. Eu ficava em casa e o marido ia trabalhar. Ele fazia na verdade bicos e eu costurava e tinha algumas encomendas que ajudava na despesa da casa.

Sim, casei virgem, eu era moça de família. Mesmo quando cheguei aqui me contive. Eu não andava por aí não. Aqui na Colônia moça que não se dava o respeito era muito falada.

A gente era muito procurada, como o senhor já deve ter ouvido, aqui tinha muito homem e pouca mulher. Mas a gente não podia ser levada por qualquer conversa. Esperei por coisa melhor e não é que apareceu, mas me arrumaram. Creio que boa parte das uniões aqui foram arrançadas, é claro que sempre tem as que se apaixonaram né. E outra coisa, os médicos daqui não davam folga pra gente não, era exame disso e daquilo, e não faltava pergunta se a gente já andava com home ou não, e quando eles achava alguma coisa diferente proibiam a gente disso e daquilo. Mas era isso né, acho que eles conheciam nosso corpo melhor que a gente.

Não digo que nunca fui desejada sabe; nas ruas muito homem me cantava, mas isso também era no tempo em que eu era viçosa, isso foi logo quando cheguei aqui, mas depois com o avanço da doença a gente perde muito da nossa beleza sabe, o homem doente, claro que quer a gente e não tem outro jeito mesmo. Tem muita gente que diz que muita mulher doente é trocada pelas sadias...olha, eu não acho não, isso é mais conversar sabe, sim, tem homem doente que se deita com as sadia, mas só se tiver algum tutu pra dá e não é toda mulher sadia que tem estômago pra fazer isso não...olha eu que sou doente, que quando meu corpo ficou neste estado eu já sentia muita vergonha de mim, e não pense o senhor que aceitei um outro corpo assim que nem o meu de bom grado não, pois assim como o homem quer uma mulher bonita, sem essas marcas horríveis no corpo, nós também queremos...então foi ruim pra mim no começo deitar com um homem doente...é quase como deita com alguém que o senhor não gosta, mas no nosso caso é ainda muito pior, é pior porque vai além do gostar sabe.

Filhos, tive dois sabe, eles são meus. Saíram de mim e têm meu sangue, mesmo que ninguém diga pra eles quem foi a mãe deles. Não, não vão leva meu nome, eu sei, mas vão levar sempre meu sangue. Mas eu tive esses dois por vontade própria mesmo sabe, pois nesse ponto eu tenho que falar a verdade, as freiras não queriam muitos filhos com medo de aumentar a doença e também tinha a dificuldade de conseguir gente pra adotar as crianças hansenianas justamente por causa da doença. Então algumas amigas que conheço e outras que já se foram sabe. Tomaram tanto chá da cabacinha pensando em evitar a gravidez. Aborto? Olha é uma coisa que não se fala muito aqui entre nós. Eu...bom, já sabe que não quero meu nome estampado em jornal, mas sim...e olha se as pessoas falassem a verdade o senhor ia ver que não é coisa de uma única mulher. O negócio é que ninguém faz esse tipo de pergunta por aqui. O senhor, pelo menos até onde sei, é o primeiro.

A casa das mulheres solteiras? Sim o Uirapuru I. Olha eu não sei dizer ao certo, mas sim era casa onde as mulheres solteiras, eu falo de mulheres mesmo e não garotas. As garotas

novas que chegavam aqui, assim que nem eu, eram mandadas pra um pavilhão de meninas, mas lá tinha todo um negócio de vigilância que era horrível, digo isso pois eu morei lá, mas por pouco tempo. Agora, como casei, aí não tive que ficar por lá por muito tempo, falo do Uirapuru I. Lá, como disse, ficavam as moças solteiras mesmo que iam namorar e arrumar casório, embora nem todas lá conseguissem arrumar casa né. O que eu sei de fato desse lugar era que os homens iam lá pra namora ou arranjar namorada sabe e tinha hora pra ficar, assim, tudo era muito preso, por isso que algumas pessoas iam pro Lago do Aleixo, lá a coisa era mais livre. Mas até que alguns rapazes iam lá pro Uirapuru I. Sim (risos) até o delegado da época ia lá, mas hoje eu sei que ele desmente isso (risos).

Vichi!! (risos). Olha essas coisas sempre teve em todo lugar, não sei por que aqui devia ser diferente né? As pessoas sempre comentavam essa história de mulher doente com outras doentes, mas isso é uma coisa que o senhor dificilmente vai encontrar mulher que assuma isso. Nossa isso é até pecado né? Essas coisas aqui eu acho que não. O povo doente não fala, acho que até faz, mas não fala. A gente doente não vê isso, não fala isso. A gente doente não aceita isso sabe.

Olha se valeu vir pra cá? Pra mim sim, pro meu irmão não sei...ele morreu faz uns 7 anos e eu nunca perguntei se ele era feliz...feliz, feliz eu acho que nunca fui sabe, meus dois filhos não cresceram aqui comigo, nasceram sadios graças a Deus, mas foram tirados de mim ainda no berço. Que desgraça!! A parteira foi que me falou que eles eram sadios. A gente, eu e meu marido, depois até que tentamos ver se a gente encontrava eles, mas não deu jeito. Devem estar por aí nesse mundo de meu Deus. Só espero que sejam pessoas de bem. É uma parte da minha vida, uma parte de mim que não esqueço. Depois disso eu não tive mais filho. Tentamos, mas não deu. O marido era, e ainda é, doido por crianças e o senhor já sabe o fim dessa história né? Sim ele me largou. Ele inventou uma história de amor, que não me amava mais (soluços), conversa mole, ele nunca foi homem de falar o que sentia, aliás, isso não é comum por aqui, os homens em geral só querem sexo. Não, não foi falta de amor não, mesmo porque acho que depois de anos de convivência ele nunca tinha me falado isso, mas era porque eu não era mais fértil. Ele nunca confessou, mas sei que foi isso. Eu não podia mais dá um guri pra brincar com ele. Ele foi morar lá pras bandas do lago do Aleixo e por lá conheceu uma rapariga e embuchou ela. Bom, eu nunca vi ela, mas dizem que ela era sadia. Bom, se isso foi verdade, serve pra pagar minha língua. Não fui ao médico, eu sei que deveria ter ido, mas não sei o que deu em mim, acho que foi essa doença. Essa doença piora a gente sabe. Até hoje nunca fiquei sabendo por que não engravidei mais, e deu no que deu. Só não

fiquei sozinha porque aqui na Colônia o que não falta é homem correndo atrás de rabo de saia. Escolhi e até que arranjei um que trabalha. Veja bem o senhor, eu arranjei (risos), pelo menos eu tive o poder de escolha, não arranjaram pra mim como aconteceu com algumas amigas. Bom, então, acho valeu a pena vir pra Colônia, eu acho que sim. Tive meus problemas, minhas frustrações, mas fiz amigos e me sinto bem aqui agora. Deus, senhor, Deus sabe o que faz.

### **SENHORA C (CONSUELO) (67 ANOS)**

Nasci em 21 de abril de 1951 e cheguei aqui na Colônia em 1961, com 10 anos. Eu vim com minha tia Clara que já morreu e que também tinha a doença. Ela morreu quando eu tinha ainda 15 anos. A morte dela foi muito triste pra mim, pois a parti desse dia eu já tinha ideia que ia ter que viver sozinha. Nós tinha ficado no pavilhão das menina. Minha tia não largou de mim desde que chegemo aqui. Mas ela já tava ruim de saúde, tossia muito e fumava muito. Ah, sim eu nasci aqui em Manaus mermo. A gente morava perto da buchada na praia de São Raimundo. Meu pai, ainda me lembro trabalhava no tal de curtume, com coro de bicho. A gente era bem pobre, eu era a única filha e tinha meu irmão que era mais velho do que eu. Minha mãe chorou muito quando minha tia disse que ia me levar pra cá. Dispois minha mãe disse que num ia aguentar ela merma me trazer pra cá. Eu no começo num entendia bem porque eu tava aqui, dispois minha tia me explicou e cum tempo eu fui me acostumando, mas nunca parei de sofrer longe da minha família e quando minha tia morreu foi pior ainda.

Aqui na Colônia sempre foi difícil pra nós mulher, a gente era muito olhada. Acho que era por causa da gente num fazer muito filho por causa da doença né...mas num tevi jeito a gente acaba dando um jeito de faze. Dispois que minha tia minha tia morreu fui morar com uma família e quando fiz 19 anos acabei ficando com o marido da dona da casa que era a dona Altina. Foi um arranca rabo que dava gosto de ver...no final fiquei mesmo com o homi, mas a gente foi morar em outra casa. Não foi uma coisa boa...ele dispois começou a sair com outras mulher e acabou que dispois de um tempo eu fui trocada por outra doente. Até me conformei, melhor do que se trocada por uma sadia de corpo liso. Fiquei na rua e mal falada...quase ninguém queria me ajudar...diziam que eu estava pagando o que fiz com dona Altina. Num sei

não...talvez tivesse mermo sabe...a gente faz cada doideira nessa vida. A muito custo, uma família ficou comigo...e depois apareceu o Pereira e resolveu ficar comigo.

Sim o Pereira era doente também, Ah não...num sei não...essa história de homi aqui na Colônia fica com as sadias...isso é lorota sabe...olha eu trabalhei um tempo no Geraldo da Rocha...os acamados tinham essas menina que vinha fazer favor pra eles...mas quando a cosia piorava era as doente que ficava com eles pra valer. As sadias só queriam o dinheiro dos veio...e quando eles ficava sabendo, muitos deles escondia o dinheiro dentro das feridas pras danada num levar...não é historinha não, eu vi isso sim. Digo isso porque muita gente fala que os homi doente preferi as sadia...não é bem assim não...depois é como diz aquele ditado né...cada macaco no seu galho.

Pois é seu moço, homi bom aquele Pereira...trabalhador...e gostava da saliência como ninguém (risos). A gente era que nem bicho no cio sabe...num contava conversa não, onde dava ia...fui muito feliz com esse homi, mas o diabo da doença levou ele. Ele me deixou essa casa e passei a ficar com o meu benefício e o dele...Vivo bem aqui...ah, veja o senhor, até que não sabe...nunca fui mulhe de muito homi...depois só conheci homi quando já estava por aqui...sim, sim, cum meu primeiro homi eu era virgem sim...(risos) o marido da Altina...ah homi safado!! Quando cheguei na casa deles, ele num tirava os olho de mim...mas também eu era ainda nova né, mermo doente eu era bonita, muita gente ainda diz que sou bonita. Mas deu no que deu né...hoje olhando pra trás, taí uma coisa que eu mudaria no meu passado.

Em casa com o marido a gente quase num fala muito sabe, também né eles dize que falar o que com as mulher, elas só gostam de fofoca. O Joaquim, o homi que tomei da Altina, vivia me dizendo que mulhe só devia abrir o bico na hora do fura-coro, pois ele gostava de ouvir o gemido da gente (risos). Ah homi safado!! (risos). Mas olha seu moço, o diabo é que ele tava certo mermo, quando a gente num tá na televisão, tá nos pé da casa falando mal da vida alheia ou cortando quem passa na rua (risos). É isso mermo, homi é homi e a gente o melhor que faz é cuida bem dos danado.

Não, num tive filho. Com o safado do Joaquim não deu porque o homi era viciado em rabo...ah como penei por trás com aquele homi...também faze o que né, eu procurei, fiz ele larga a mulhe e ele sempre me dizia: “Agora aguenta, tem que ser como quero quem manda se mete a besta comigo”. Aí já sabe né...sem dó e nem piedade. Com o Pereira o homi via se queixando de dor nos carço...sim, ele era bom, era fogo na roupa, mas num sei que num peguei cria dele. Se eu era desejada? Olha, sabe que num sei...não sei mermo...o homi aqui é preocupado em bate o bife...num sei...num tem muita conversa não, é bate o bife

mermo...assim, claro a gente conversa dos preço das coisa, da vizinha, lembra disso e daquilo, mas se o homi num bate o bife, ah o homi dorme bicudo...comigo foi assim com os dois homi que vevi.

Mora aqui na Colônia foi bom sim. É claro que passei por um tempo de mau bocado, mas é assim mermo. Moro aqui sozinha...desculpa, sozinha não, eu e Deus.

### **SENHORA G (GLÓRIA) (71 ANOS)**

Já moro aqui faz tempo. Nasci em 15 de novembro de 1947. Cheguei aqui em 1962, acho que com 15 ou 16 anos, já toda doente. Meus pais evitaram até quando deu, mas chegou um dia em que tive mesmo que vir pra Colônia. Não teve saída. Meu irmão mais velho foi o mais cruel, não queria de jeito nenhum que eu ficasse em casa. Dizia que eu iria desgraçar toda a família. Minha irmã, me lembro bem, me olhava meio curiosa e não dizia nada. Às vezes ela chorava, talvez com medo de separa de mim. Aí num certo dia, meu pai, ainda me lembro bem, num domingo de muita chuva e com lágrimas nos olhos me levou a uma irmã que ele conhecia e me deixou lá...me disse muitas vezes que me amava, e depois desse dia nunca mais vi meu pai ou minha mãe. Nunca ninguém da família jamais me procurou e jamais tive notícia deles. Não sei o que mais dói, se é a doença ou o abandono deles...depois de um tempo a gente pensa que ninguém ama a gente de verdade.

Sim, eu cheguei a morar no Uirapuru I. Era um pavilhão para mulheres solteira. Mulheres e não garotas. Lá a gente dividia o quarto com uma ou duas mais mulhere. Era um pavilhão normal. Não tinha nada de mais. A gente morava lá. Fazia as nossas obrigações como moradora e recebia visitas de amigos, amigas e é claro dos rapazes interessados na gente. Agora, não dá pra garantir se todo rapaz que ia lá era solteiro de fato. A gente precisava se divertir e à noite eles iam lá tentar namorar a gente. Era bom, a gente se divertia muito. Mas é claro, tinha muito respeito lá. Esses encontros eram permitidos até uns 8 ou 9 da noite. Mas sabe como é né...algumas pessoas não se acostuma com a vigilância e aí o jeitinho resolve.

Não, meu marido nunca foi de conversar muito não. Assim, não essas coisas de sexo...sexo era chegar e faze...mas ele nunca perguntava se eu gostei, se eu **passei**...sabe essas coisas...o homem não quer saber se a gente **passou** (gozou) ou não, depois que ele **passa** já

era, acaba a brincadeira e quase sempre a gente fica na mão. Homem é muito egoísta, quer sempre **passar**, mas não quer fazer a gente **passar**.

Não, não tem esse negócio de passar não, é como disse, eles não tão nem aí se a gente passa ou não passa; não tem esse negócio de deseja a gente não, é chegar, enfiar e passar, a gente tem que dá o nosso jeito depois se quiser passar. A gente não conversa sobre sexo, pelo menos eu nunca tive essa prosa não. Home não gosta de falar com a mulher essas coisas. Talvez com a mulher da rua ele tenha mais prosa, mas comigo o homem é mais fechado do que cofre de banco (risos).

Sim, tenho uma filha. Ela tem agora 30 anos. Foi muito difícil manter ela aqui. Logo quando ela nasceu eu dei pra uma vizinha que morava no Lago do Aleixo. Dei assim, que ela ficasse até as coisas melhorar por aqui. Eu ia lá pra ela não pensar que a vizinha era a mãe dela. Depois de uns 7 anos mais ou menos foi que ela ficou comigo aqui. Não queria que minha filha ficasse assim como muitas outras que foram adotadas e sabe Deus por onde andam. Muitas mães jamais viram suas filhas novamente. Meu marido não vive mais comigo hoje, ele arranjou outra mulher. As pessoas pensam que é difícil manter um relacionamento entre doentes, mas não é bem assim não. Conversei uma vez com algumas mulheres sadias e uma delas mencionou isso. Os homens aqui e lá fora (fora do bairro) não devem ser tão diferentes assim, assim como os sadios, os doentes também se separam e por muitos motivos e não por que nosso corpo é como é. Talvez o senhor possa encontrar mulher que diga que perdeu seu homem pra uma mulher sadia, mas isso é menos verdade, já vi muita mulher doente ser trocada por outra doente. Bom, isso de fato eu nunca vi não, uma sadia ser trocada por uma doente. Poxa, mas isso também não é pergunta que se faça né, mesmo porque como eu nunca fiquei sabendo disso, fica difícil confirma. Vamos dizer que isso não é comum por aqui. Sim, valeu muito a pena ter vindo pra cá, sempre ti a presença da minha filha e isso me ajudou a superar muita coisa nessa vida que Deus me deu.

### **SENHORA MJ (MARIA JACINTA)**

Tenho 76 anos e nasci aqui mesmo em Manaus. Cheguei na Colônia bem nova trazida pela minha irmã. Não vou falar muito daqui, mas digo que quando cheguei aqui era muito ruim. Muita sujeira e pouca gente pra ajudar pra vê se o lugar ficava melhor. Mesmo com o padre e madre aqui a coisa não andava muito porque as pessoa tinha medo da gente. Medo da

doença e nojo do nosso corpo. Morava com minha família, sabe, pai, mãe e irmã. Mas deixa eu dizer pro senhor, apesar de toda a dificuldade que eu passei, foi aqui que comecei a ter um pouco de paz. Eu era mais nova, mas arrumei home cedo. O Agenor, motorista, mexeu comigo e aí foi o caso de casa né, eu tinha uns 16 anos e fui morar com ele lá no curtume, ele trabalhava, acho que era alí perto do Bariri, nem sei se esse lugar ainda existe. Mas eu comecei a ter muito febre, andava fraca sabe, e o Agenor estranhou e me levou pro médico. Aí eu já tinha meus 21 ano, eu acho. Só sei que o médico disse que num era caso de internar e que eu podia ficar em casa num tomei nada de remédio. Aí foi quando apareceu mesmo macha, a coisa foi ficando feia e o Agenor, que o Diabo o tenha, pois o miserável foi o primeiro a me deixar. Nem quis saber da casa, das coisas, não quis sabe de nada. Sumiu e nunca mais deu notícia. Então foi minha irmã que foi me ver e me ajudou. Mesmo contra a vontade dos meus pais. Foi ela que deu um jeito pra eu vir pra Colônia. Se dependesse dos meus pais ele teriam me jogado sei lá onde, eles diziam que eu num era mais gente (choro). É horrível saber que os pais da gente falou isso da gente né (mais choro). Casei de novo sim, mas num era a mesma coisa. E aqui na Colônia foi ruim no começo sabe, bem ruim mesmo. Imagina né, conhecia ninguém, e toda hora tinha gente de olho em nós. As irmãs num era fácil e os homes que elas conseguiam pra ser que nem guarda também sempre de olho em nós. Tinha que anda na linha cum elas. Na hora de comer, na hora de saí, nossa era uma coisa muito apertada sabe.

Ah sim, tinha como casar sim, mas a gente casa pra num fica sozinha. Não tem mais aquela coisa de desejo sabe, o home olha pra gente e a gente olha pro home e vê que tem que se conformar com o resto de corpo que sobra da gente. Não quero fala de coisa íntima sabe, mas pense num corpo carcomido, e as vezes com ferida, onde em nome de Deus a gente tem prazer nisso!! É só viver pra satisfaze o home e ter filho. No meu caso sem filho, imagine o senhor ter filho e depois ter que vê a criança ir embora sei lá pra onde. Não, ainda bem que não provei dessa desgraça.

(Risos) não casei virge não, nem na primeira, mesmo antes dos 14 já não era mais moça. É claro que meus pais num sabia né. Pais é que nem marido enganado só sabe depois que todo mundo sabe (risos). Comecei a sair com home desde os 12 o Agenor é que pagou o pato coitado, talvez por isso peguei a doença, acho que foi castigo divino, pois o besta do Agenor não foi o primeiro. Meu pai me apertou e como eu fazia do Agenor de gato e sapato disse pro meu pai que foi ele que me fez mulher e ele teve que fica comigo. Agora como todos eles já estão mortos, pai, mãe, Agenor, minha querida irmã e até o meu segundo marido

e daqui um tempo eu. Não tem mais importância eu falar e só restou eu aqui sozinha. É senhor, a morte chega pra toda gente.

Não, não arrumei mais home, também né como é que pode ser, os doentes que sobrou só querem as lisinhas e outra, tenho uma casa, um dinheiro que recebo do Governo, vai que arrume um home sadio ou doente e depois me manda dessa pra melhor né. Não, se tem uma coisa que aprendi nesse vida que Deus me deu é que só quem morre é que perde. Aí eu fico aqui sabe, pouca visita e vô indo, a gente num sabe até quando né.

### **SENHORA GS (GLÓRIA DA SILVA)**

Tenho 74 anos. Eu vim do Santo Antônio do Içá. Eu tinha doze anos quando apareceu a doença. Minha irmã ficou doente com 18 anos. Ela já morreu e que Deus a tenha. Convivi com ela até meus 19 anos e depois eu vim pra Colônia e ela ficou no por lá com uma tia minha. Nunca mais vi ela. Eu só soube da noticia que ela tinha morrido lá pras bandas do Paricatuba. Foi meu pai que me trouxe pra Colônia é que minha mãe já andava muito doente naquele tempo e depois fiquei sabendo que ela tinha morrido de tuberculose, ela tossia muito e não deixava de fuma aquele cachimbo dela. Não sei por que meu pai resolveu me trazer pra cá e deixar minha irmã lá. Achei estranho, mas nunca perguntei. Era meu pai que dizia o que fazer em casa, a gente mulher só obedecia e isso era com a mãe também, a gente nunca tinha voz de mandar em casa. Quando cheguei aqui primeiro fiquei numa casa com uma família e depois fui pra um pavilhão de mulheres, eu já tinha quase 20 anos, era doente, mas ainda nova, não era acamada e a doença ainda não tinha comido a minha mocidade por completo, ainda tinha uns encantos e foi isso que me favoreceu, pois as irmãs diziam que era bom arrumar home logo pra ter uma casa e um companheiro. De filhos elas não falavam muito não. Muitas pessoas diziam que elas não queriam filhos pra não aumentar o número de doentes, mas elas nunca me proibiram disso. Só diziam que não devia ser muito fogosa pro homem não pensar que a gente já tinha sido da vida, mesmo casando virgem que foi o meu caso. Sim cheguei virgem por aqui, é claro que tinham os engraçadinhos os enxiridinhos, mas a gente mandava logo ir passear.

Ah, sim, quando pequena, já com meus 12 ou 13 anos as pessoa tinham medo da gente, deu e da minha irmã, na verdade tinham nojo do nosso corpo, sabe, quando a gente ia pra rua eles ficavam afastados da gente e era aquela coisa sabe, todo mundo olhando pra gente

com horror e tinha até uns que falavam nomes feios pra gente. Foi um tempo bem ruim sabe. O marido que me arrumaram aqui, o Joaquim da Silva, me casei com ele eu tinha já 25 eu ainda era bonita, pelo menos era o que ele dizia. Mas eu acho que com o tempo, a doença vai deixando a gente diferente sabe e acaba que a gente vai perdendo o interesse pelo outro. Depois que os sadios vieram pra cá muita coisa mudou. O senhor sabe, veio problemas junto com eles, a gente já tinha os nossos e com isso veio as mulheres sadias e depois o senhor já deve saber do resultado. Não tô culpando ninguém de alguma coisa, mas o quero dizer é que acabou que muitas de nós mulheres doentes ficamos tipo recolhidas em casa com vergonha de sair entre outras mulheres sadias, sabe, o mesmo olhar das pessoas, o mesmo olhar do tempo em que eu era pequena. Não, não tive filhos. Não quis, com medo que passassem o mesmo que passei. Ah sim, minha idade, tenho...minha nossa, acho que uns 74 anos. Sim pra mim foi bom ter vindo pra cá. Aqui fiz amigas e amigos, casei e recebo um dinheiro do governo. Não sei como seria minha vida se tivesse ficado no Santo Antônio do Iça, ou se tivesse ido pra outro lugar, como o Paricatuba, ou talvez tivesse morrido como minha irmã. Sinto falta dela, tivemos um tempo feliz antes da doença e mesmo na doença. Queria estar no enterro dela e da minha mãe, mas é a vida né, ninguém sabe o que Deus quer pra nós né.